



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO**

AMANDA DE SENA SANTOS

**A HISTÓRIA APAGADA DAS MULHERES NAS CIDADES E AS  
POSSIBILIDADES DE VISIBILIDADE POR MEIO DO TURISMO**

Brasília-DF  
2022



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO**

AMANDA DE SENA SANTOS

**A HISTÓRIA APAGADA DAS MULHERES NAS CIDADES E AS  
POSSIBILIDADES DE VISIBILIDADE POR MEIO DO TURISMO**

Monografia apresentada ao Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Mariana Tomazin.

Coorientador: Prof. Dr Vitor João Ramos Alves.

Brasília-DF  
2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Sh Santos, Amanda de Sena  
A história apagada das mulheres e as possibilidades de  
visibilidade por meio do turismo / Amanda de Sena Santos;  
orientador Mariana Tomazin; co-orientador Vitor João Ramos  
Alves. -- Brasília, 2022.  
89 p.

Monografia (Graduação - Turismo) -- Universidade de  
Brasília, 2022.

1. Turismo e Gênero. 2. História das mulheres nos  
patrimônios culturais. 3. Walking Tours. 4. Brasília/DF. I.  
Tomazin, Mariana, orient. II. Ramos Alves, Vitor João , co  
orient. III. Título.

A HISTÓRIA APAGADA DAS MULHERES NAS CIDADES E AS  
POSSIBILIDADES DE VISIBILIDADE POR MEIO DO TURISMO

AMANDA DE SENA SANTOS

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Mariana Tomazin – Orientadora CET/UnB

---

Prof. Dr. Vitor João Ramos Alves – Coorientador CET/UnB

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marutschka Martini Moesch – Avaliadora CET/UnB

---

Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Alessandra Santos dos Santos – Avaliadora CET/UnB

---

Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Thamyris Carvalho Andrade – Avaliadora Suplente UFT

BRASÍLIA, 12 DE MAIO DE 2022

## AGRADECIMENTOS

Cris Pizzimenti é autora de um poema que me toca profundamente, fala que somos feitas de pedacinhos coloridos de cada vida que nos atravessa e costuramos na alma, somos assim feitas de retalhos. Na minha vida há tantos retalhos que juntos formam uma coberta que me aquece e impulsiona a seguir. Por isso, a primeira parte que começo agradecendo é minha família, em especial minha avó, Maria de Lourdes, que por sua trajetória de vida me inspirou com afeto a ser quem sou hoje e a realizar essa pesquisa, agradeço também meu avô Lincoln, *in memoriam*, que com sua criticidade sempre me ensinou a questionar o funcionamento de tudo, os dois juntos me possibilitaram ter um olhar afetuoso e histórico sobre a cidade de Brasília.

E a aqueles que são sua continuidade, agradeço minha mãe, Elaine, meu irmão, Arthur, e minhas tias, Eglaida, Eglaer e Eglacir, que cada uma dessas pessoas com seu jeitinho me aqueceram com alimentos diversos, desde bolos a cafés, a doces, a refeições completas, apoios com conversas tranquilizadoras e ideias compartilhadas que me ajudaram durante essa jornada. Agradeço também as minhas companheiras de curso, Rayssa Moura, Elisama Souza e Júlia Gomes, que desde o início da graduação estivemos juntas, cada uma fazendo o seu melhor para chegarmos nesse final de ciclo. Mais que uma parceria, construímos uma amizade que carrego no meu coração com admiração pelo que cada uma construiu internamente e externamente.

Agradeço professoras e professores do curso de Turismo e de outras matérias que cursei de outros departamentos da Universidade de Brasília, cada aula que participei foi me modificando positivamente para que eu chegasse até aqui com uma outra percepção de mundo, mais justa, mais revolucionária e afetiva. E para que cada aula dessa ocorresse, reconheço e agradeço também os diversos funcionários que trabalham na UnB e fazem essa Universidade resistir mesmo diante de tempos difíceis.

Agradeço a minha orientadora Mariana Tomazin e coorientador Vitor João Alves que me ensinaram muito, colaboraram para que esse final de ciclo fosse especial com sugestões que acrescentaram e enriqueceram não só esse trabalho, mas também por me guiarem a ter um outro olhar para o turismo e as ciências sociais. E por terem me dado a oportunidade de contar essa minha história com Brasília. Agradecer é um verbo que obrigatoriamente acompanha outros verbos como sentir e reconhecer, sou grata a tudo que me fez chegar até aqui.

*A gente tá falando das noções de consciência e memória. Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber, é por aí que o discurso ideológico está presente. Já a memória a gente considera como o não saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que a memória inclui. Daí na medida em que é o lugar da rejeição, a consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando a memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura; por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência. **Lélia Gonzalez.***

## RESUMO

A História fornece diversas respostas na compreensão de como a sociedade se estruturou até o presente momento, é a partir das representações do passado que o simbólico ecoa no presente. Percebe-se uma ausência das narrativas, vivências de outros grupos sociais que por muito tempo foram excluídos da história como é apresentada oficialmente, sendo que quando se mencionam sobre eles normalmente parte-se de uma visão carregada de estereótipos, como no caso das mulheres. A ausência da representação material e cultural de sua história é visível quando se olha para os patrimônios históricos culturais nas cidades. O objetivo principal da pesquisa é analisar os reflexos da história das mulheres nas cidades e sua relação com o turismo, a partir do estudo de caso de duas experiências de *WalkingTours*. Por questões estratégicas, optou-se por fazer análise teórica ancorada nos estudos feministas de Beauvoir (1970), Saffioti (2015), Gonzalez (2020) e Lerner (2019), juntamente com a pesquisa documental e os estudos de caso múltiplos nas cidades do Rio de Janeiro/RJ, Recife/PE e Brasília/DF. No resultado afirma-se o apagamento da história das mulheres nos patrimônios históricos culturais e toda sua implicação material e discursiva, mas mesmo com essa ausência, há movimentos sociais relacionados com o turismo que desafiam essa problemática ao elaborar roteiros que evidenciem as mulheres na história e sua relação com a cidade.

**Palavras-chave:** Turismo e Gênero; História das mulheres nos patrimônios culturais; Walking Tours; Brasília/DF.

## ABSTRACT

History supplies multiples answers about how society has been structured until the present moment. There is markable lack of narratives and experiences from another social groups that have been excluded from the official history, and when they are mentioned normally have a vision fully with stereotypes, especially in the case of women. The absence of material and cultural representation is visible when we are looking the cultural heritage. Herein, we elaborate a review based on literature to show the participation of women in the historical trajectory of tourism using their narrative speech until the consequences on the cultural heritage and the sexual division by gender at work. For strategic reasons, a theoretical analysis based on the feminist studies of Beauvoir (1970), Saffioti (2015), Gonzalez (2020) and Lerner (2019) were chosen with bibliography review and multiple case studies in the cities of (1) Rio de Janeiro, RJ, (2) Recife, PE and (3) Brasília, DF. We found that there is a fact about an erasure of women's history in cultural historical heritage within all their material and discursive implications. However, even with this gap, there are social movements related to tourism that challenge this problem by elaborating ways that highlight women and their relationship with the city and tourism.

**Keywords:** Gender and Tourism; History of Women in cultural heritage; Walking Tours; Brasília/DF.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Suzana com seu grupo apresentando o "Na rota das Mulheres na História"	45
Figura 2 – O grupo no bairro da Boa Vista/Praça Maciel Ribeiro .....	46
Figura 3 – Com clientes no tour Madureira é Delas .....	50
Figura 4 – Em frente ao único sebo de livros em funcionamento em Madureira e que é gerido por uma mulher, para o roteiro Madureira é delas .....	52
Figura 5 – Em frente ao mural da artista de Paula Alles no projeto Absorvendo a História Feminina .....	53
Figura 6 – Vitrais da Catedral Metropolitana de Brasília.....	60
Figura 7– Monumento dos Dois Candangos .....	61
Figura 8 – Família da autora durante a construção de Brasília .....	73

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1- Quadro Referencial .....	39
------------------------------------	----

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACTs – Atividades Características do Turismo

AMQSA – Associação Mãos que se Ajudam

GROWIT – *Global Report on Women in Tourism*

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional

MTUR – Ministério do Turismo

MUF – Museu da Favela

OIT- Organização Internacional do Trabalho

PNTs – Planos Nacionais de Turismo

PubTur – Publicações de Turismo

RAs – Regiões Administrativas

Spell – *Scientific Periodicals Electronic Library*

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNTWO – *World Tourism Organization*

UNWOMEN – *United Nations Entity for Gender Equality and the Empowerment of Women*

WT – *Walking Tour*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>1.0 OLHAR PANORÂMICO PELA TORRE: HISTÓRIA E TURISMO</b> .....	<b>17</b>
1.1 O TURISMO E A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO.....	20
1.2 A DESCIDA: MULHERES, MITOS E RUPTURAS DE ESTEREÓTIPOS .....	26
1.3 HISTÓRIA DAS MULHERES E SUAS POSSÍVEIS REPRESENTAÇÕES NOS PATRIMÔNIOS HISTÓRICOS CULTURAIS .....	31
<b>2. CAMINHOS PARA VER ALÉM DA TORRE: PASSOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>39</b>
2.1 CAMINHANDO COM SUZANA VEIGA E CONHECENDO RECIFE/PE .....	43
2.2 CAMINHANDO COM ADRIANA JACKSON E CONHECENDO RIO DE JANEIRO/RJ .....	48
2.3 POR UM MOVIMENTO UTÓPICO A PARTIR DE BRASÍLIA/DF .....	54
<b>3.0 PERCEPÇÕES A PARTIR DOS CAMINHOS DAS ENTREVISTAS</b> .....	<b>62</b>
3.1 MOVIMENTO DE RETORNO À TORRE: DO TOPO À BASE SOB A ÓTICA DA POLÍTICA E DA SOCIEDADE.....	65
<b>4.0 CAMINHOS A PERCORRER</b> .....	<b>70</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>75</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>82</b>
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA</b> .....	<b>83</b>
<b>APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM DE VOZ PARA FINS DE PESQUISA</b> .....	<b>84</b>
<b>APÊNDICE C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM DE VOZ PARA FINS DE PESQUISA DE SUZANA VEIGA</b> .....	<b>86</b>
<b>APÊNDICE D – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM DE VOZ PARA FINS DE PESQUISA DE ADRIANA JACKSON</b> .....	<b>88</b>

## INTRODUÇÃO

O trabalho foi estruturado a partir da alegoria da torre de Diniz (2015) que ao falar sobre ciências humanas, métodos e ética, faz uma alusão de inclinar a torre dos pensadores da ciência, torre essa que acredita na ciência, mas que desconfia dos seus limites. Apresenta rigor aos métodos, a regra do jogo se faz presente para apresentar confiabilidade a partir da metodologia científica, mas além do texto produzido, o que importa é o efeito das palavras escritas circular em no sentir, no pensar, no imaginar. É dessa torre que olhamos para a vida humana, no qual há um movimento entre as regras do jogo e a imaginação (DINIZ, 2015).<sup>1</sup>

Partindo dessa reflexão inicial a presente pesquisa tem como objetivo olhar para o outro lado da história universal e busca compreender como essa história se construiu ancorada na invisibilidade de grupos sociais subalternos, com o foco assim na história das mulheres. Para Tilly (1994), estudar a história das mulheres não é compreender os fatos de forma isolada, mas sim vincular essas vidas a outras questões históricas como o poder do simbólico e das forças que governam as estruturas sociais. Ou seja, a história das mulheres transforma a nossa percepção do que é de fato relevante para a história. Olharemos da torre, mas também para além dela.

De acordo com Lerner (2019) o apagamento da história das mulheres é uma das principais ferramentas de manter esse grupo subordinado, por não ter história, não há alternativas de futuro. A autora argumenta que é por olhar no passado que aprendemos não somente como as pessoas viviam, mas também como falharam, é por essa análise do passado pela luz do presente que é possível reconstruir uma nova história.

A pesquisa busca observar as mulheres nas localidades, analisando sua presença na história nas possíveis representações nos patrimônios históricos culturais e também o reflexo da narrativa histórica no trabalho que realizam, já que são elas que estão presente em sua grande maioria, de acordo com os dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2017), chegando a ser entre 60% a 70% da força de trabalho do turismo. E, Gabrielli (2022) aponta que o turismo apesar de se apresentar com maioria mulheres

---

<sup>1</sup> De acordo com Diniz (p. 1, 2015) a torre inclinou-se por diversas forças externas, o desafio é “agora sobreviver à tontura de quem admira uma paisagem sem horizonte firme em um piso torto que desorganiza estruturas.” É a partir desta analogia, de uma torre que se inclina e observa outros horizontes, que está proposto os movimentos da presente pesquisa.

trabalhadoras, essas ainda não conseguem alcançar equidade salarial em relação aos seus pares masculinos, o que reflete a relação desigual de gênero.

De acordo com Silveira e Medaglia (2016) o turismo pode ser compreendido como atividade humana, que reproduz e até mesmo intensifica a realidade social que está inserido, ou seja, apresenta interfaces com as questões sociais, inclusive a de gênero, por isso ao analisar alguns dados como da OIT e da desigualdade salarial é possível também compreender a estrutura social que molda aquela realidade. Ou seja, o turismo com suas diversas interconexões apresenta reflexos do sistema dominante.

A questão da divisão sexual do trabalho está relacionada com o que historicamente foi definido como o lugar da mulher, da construção do feminino, permeia as relações sociais e é estruturante na organização da sociedade. A partir do trabalho não remunerado e produtivo das mulheres se constitui a base do patriarcado no capitalismo, as consequências dessa forma de exploração não se limitam ao ambiente doméstico, todo o cuidado que esse trabalho implica influenciam e moldam as ocupações fora de casa. Buscando jornadas mais flexíveis de trabalho para dar conta de todas as obrigações que são imputadas as mulheres são mais vulneráveis a dedicar menos hora de trabalho formal e a estar em serviços terceirizados (BIROLI, 2018).

Há poucas pesquisas sobre a divisão sexual do trabalho no turismo, alguns artigos evidenciam isso, como mostraremos a seguir. Bicalho et al. (2020), por meio de uma pesquisa bibliográfica e por dados da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, além de produções científicas, que envolvem a intersecção da carreira profissional de homens e mulheres com o trabalho no turismo, encontrou 3.787 produções, no período de 1974 a 2019, das quais apenas 19 tratavam sobre a relação do "turismo" com "profissão", "carreira" e "trajetória profissional". Já levando em consideração as produções científicas que adotam o olhar que fazem distinção entre homens e mulheres, somente 01 produção científica evidencia esta intersecção da carreira profissional de homens e mulheres com o trabalho no turismo. Ou seja, a temática de carreira profissional é escassa nas pesquisas acadêmico científicas, sobretudo, no recorte da divisão sexual do trabalho (BICALHO et al., 2020).

Já na pesquisa realizada por Pagnussat et al. (2020) a busca por trabalhos que abrangiam os descritores “gênero, trabalho e turismo”, utilizados de maneira combinada pelas bases de dados Publicações de Turismo (PubTur) e *Scientific Periodicals Electronic Library* (Spell), no período de julho de 2020, após diversas análises como leitura de resumos, introduções e conclusões dos artigos, foram selecionados 21 artigos da PubTur

e 6 artigos da Spell. Uma das primeiras observações é que o tema é relativamente recente na pesquisa em turismo no Brasil já que a primeira publicação selecionada data de 2006 (PAGNUSSAT et al., 2020).

Partindo desse prisma da torre, da ausência, da negação e do invisível, o objetivo principal da pesquisa é analisar os reflexos da história das mulheres nas cidades e sua relação com o turismo, a partir do estudo de caso de duas experiências de *WalkingTours*. Para tal, os objetivos específicos propostos são:

- Tecer uma trama teórica entre história, patrimônios, turismo e mulheres, com rupturas e insurgências nos olhares e percepções;
- Apresentar os estudos de caso múltiplos a partir das duas experiências de *WalkingTours* idealizadas e protagonizadas por mulheres nas cidades de Recife/PE e Rio de Janeiro/RJ e assim fomentar narrativas feministas nos caminhos turísticos de Brasília/DF;
- Descrever os reflexos da construção das narrativas e seus impactos nos âmbitos sociais e culturais a partir dos estudos de caso.

Com isso, a monografia se estruturou em quatro capítulos, o primeiro utilizando-se da alegoria da torre, propõem a apresentar um panorama geral sobre o tema, seguido pelo capítulo dois, por um movimento de saída dessa torre, expondo outros caminhos guiados pelos estudos de casos de Recife/PE e Rio de Janeiro/RJ, e esses inspiraram a construção do terceiro estudo de caso que aborda uma reflexão e proposta turística sobre Brasília. O terceiro capítulo faz uma breve análise das entrevistas e das questões estruturais que envolve política e sociedade, o quarto capítulo finaliza formalmente o tema apresentando as considerações observadas durante esse trajeto da pesquisa.

Conhecer essas experiências e refletir a partir dos caminhos trilhados por esta pesquisa permitiu tecer algumas reflexões sobre as ausências e breves presenças, sobre as memórias de Brasília, cidade da qual eu, como autora, escrevo, observo, caminho e percebo. A partir desse recorte espacial, compartilho, paralelamente, com a história de fundação de Brasília, a história de minha família que nascia nessas terras.

Meu avô, Lincoln de Sena Gonçalves, que saiu da pequena cidade de São João Evangelista/MG, movido pela esperança de oportunidades e uma nova vida, foi atraído a trabalhar na construção da capital. Ele não foi sozinho. Nesse deslocamento, conheceu minha avó, Maria de Lourdes Moura, em Goiânia, e juntos encararam esse desafio de participar da construção da capital. Minha avó, mulher jovem que acompanhou as

mudanças de Brasília, ou seja, seu nascer e crescer. Vivenciou com seus filhos, sete no total, todas as dificuldades e levezas de habitar numa cidade que ainda germinava.

Meu avô é uma pessoa vista como de muita importância para minha família, porque lutou e construiu parte da cidade. Não tem como não olhar para as edificações e o Lago Paranoá e não lembrar dele e suas histórias. E esse trabalho que faço tem como objetivo colocar, ao lado dessa figura simbólica de meu avô, a presença de minha avó em destaque.

## 1.O OLHAR PANORÂMICO PELA TORRE: HISTÓRIA E TURISMO

Para o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (Iphan, 2022) os patrimônios imateriais são aqueles que abarcam práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). Já os patrimônios materiais protegidos são compostos por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza, de acordo com os quatro livros do tomo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas e inscritos.

Essas formas de proteção e preservação evidenciam seleções de marcadores históricos relevantes para a sociedade, contudo, a problemática consiste em perceber que algumas narrativas são inviabilizadas ou excludentes em detrimento de outras, como outras formas de artes e histórias que não fazem parte do grupo dominante ou que não veiculem interesses de uma sociedade capitalista, patriarcal e racista.

Contudo, a história é moldável, não existe verdade única e apenas uma simbologia que pode representar o patrimônio material e imaterial e sua relação com a memória coletiva e individual. Halbwachs (1968) argumenta que toda história de nossa vida faz parte da história geral e que a história nacional pode ser compreendida como um resumo dos acontecimentos mais importantes que ajudaram a estruturar uma nação, porém nesse formato de história há para o indivíduo certo distanciamento entre sua história e de seu país, tendo breves pontos de contato. E, Pollak (1989) alerta que aqueles ao forjar uma memória oficial, conduzem assim as vítimas da história ao silêncio e até mesmo a renegação de si mesmas.

Falar sobre história única é também considerar poder, fazendo com que essa história seja a definitiva. E a problemática disso consiste na reprodução de estereótipos, retira a dignidade daquele lugar ou pessoa, pois contribui para que o outro seja visto como mais diferente do que similar e isso torna difícil o reconhecimento de alguma coletividade ou humanidade em comum, estimulando hierarquização (ADICHE, 2019). E quebrar esse ciclo consiste em abrir espaço para as histórias que podem ser utilizadas para humanizar e empoderar (ADICHE, 2019).

Para Baquero (2012) empoderamento pode ser compreendido como insurgindo de um processo de ação social no qual os indivíduos tomam posse de suas próprias vidas a partir do processo de conscientização, “conscientizar não significa manipular, conduzir o

outro a pensar como eu penso; conscientizar é tomar posse do real, constituindo-se o olhar mais crítico possível da realidade” (BAQUERO, 2012, p. 181).

De acordo com Perrot (2019) a história que por muito tempo valorizou o espaço público, não via as mulheres que comumente atuavam em espaços privados, na família, consideradas como invisíveis, e em muitas sociedades esse silêncio das mulheres é considerado normalizado por garantia de uma cidade tranquila, evidenciando o medo que sua aparição em grupo causava. E, esse imaginário que permeava as mulheres é o que sobressaia a que de fato sua descrição e suas histórias narradas por elas.

A história é o que acontece, a sequência dos fatos, das mudanças, das revoluções, das acumulações que tecem o devir das sociedades. Mas é também o relato que se faz de tudo isso [...] as mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal. Nesse silêncio profundo, é claro que as mulheres não estão sozinhas. Ele envolve o continente perdido das vidas submersas no esquecimento no qual se anula a massa da humanidade (PERROT, 2019, p. 16).

O reflexo dessa história apagada pode ser vista nos patrimônios, como Fonseca (2003) argumenta que a política de tombamento no Brasil por mais de sessenta anos excluiu outras expressões culturais de preservação por ser guiada a valorizar apenas o valor excepcional, como o tema da arquitetura, o foco na questão material do bem afetou também a compreensão social desses monumentos, como a autora exemplifica locais considerados patrimônios que não se vê as formas culturais que atravessavam e vivenciavam esses lugares naquela época, o significado dessa experiência foi apagado, valorizando apenas então a monumentalidade física, de modo que não houve espaço para outras formas de vivência social em que cada grupo social poderia ter com a localidade.

De acordo com Castrogiovanni (2013), o espaço pode ser considerado como um fator da evolução social a partir do movimento histórico. Então, a cidade é um mecanismo físico e imaginário, cada momento tem uma gama de sentimentos, associações e significados que reflete além do que é visto, perdura nos sentidos. E sua relação com o turismo é que dessa maneira é sempre possível descobrir novas oportunidades para a oferta de atrativos turísticos urbanos.

Para Gabrielli (2017), de acordo com a lógica do desenvolvimento global, ancorada por iniciativas neoliberais, o desenvolvimento turístico foi visto como uma oportunidade de dinamização econômica com o objetivo principal econômico. Isso ocasionou numa exploração desigual no qual muitas regiões padecessem de processos

desiguais, exploratórios, não levando em grande consideração os impactos sociais e culturais.

Há também a problemática de como os patrimônios se tornaram objeto de consumo na sociedade do lazer, que engloba a questão do turismo. Ou seja, a cultura perde seu caráter de realização pessoal e torna-se indústria, como um produto a ser visitado, consumido, assumindo forma de mercadoria. A modernização transforma o patrimônio em seu valor de uso para seu valor econômico, consumo cultural, o capitalismo se apropria de uma relação que deveria ser mais orgânica e social, evidenciando problemáticas como acerca da conservação estando num segundo plano (CHOAY, 2010).

Castrogiovanni (2013, p. 388) argumenta que quando se refere ao turismo urbano deve-se valorizar as funções sociais, já que a cidade apresenta uma dinâmica nas relações que possibilita renovações urbanas. “A cidade deve ser vista como um bem cultural onde devem ser valorizadas funções culturais que atendam a vida qualificada do sujeito cidadão”. E, para Fratucci (2014), o território do turismo pode ser considerado como uma composição dos territórios produzidos por cada um dos agentes sociais, responsáveis pelo fenômeno turístico acontecer, sendo assim a soma dos territórios dos turistas, dos agentes do mercado, do governo, dos trabalhadores e da população local.

Analisando o turismo como uma experiência cultural, a partir da vivência do espaço urbano, é possível perceber um diálogo que a cidade invoca com a percepção do olhar e sentir, cada local se comunica de maneira diferente e que o se sobressai é o que os olhares conseguem captar. Pela semiótica, a cidade deve ser vista como uma inscrição, construída pelo passado, se estrutura numa extensão não verbal, que invoca questões subjetivas (WAINBERG, 1999).

De acordo com Köche et al. (2008), compreendendo o sentido do turismo como forma de desenvolvimento na América Latina, é necessário que esse fator de desenvolvimento seja mais humanista, democrático em oportunidades e benefícios, responsável em relação aos impactos sociais, econômicos, culturais e ecológicos suscetíveis de serem reproduzidos nas comunidades emissora, receptora e no meio ambiente.

Há muito no que estudar, avaliar e pesquisar nesse sentido, logo há muito o que desvelar da torre, a partir da torre e para além da torre. Constitui-se assim um desafio e um trabalho que envolve toda a sociedade, como para os setores públicos e privado, o terceiro setor, aos próprios turistas, o sistema educacional, os órgãos de fomento, as fontes

financiadoras e também para os turismólogos e turismólogas, pesquisadores e pesquisadoras. É a partir da pesquisa que, quem estuda o turismo, se pode utilizá-lo como ferramenta que fundamenta, qualifica e torna relevante sua atuação (KÖCHE et al., 2008).

### **1.1 O turismo e a divisão sexual do trabalho**

Os efeitos materiais da exclusão sistemática da história das mulheres refletem em esferas sociais, apoiados pelo discurso dominante que impõe atribuições desiguais a homens e mulheres. Essa narrativa não só se faz presente na questão da representatividade, mas também acarreta consequências do que fora elaborado ao longo dos anos, que por conseguinte dita os locais que homem e mulher devem ocupar no mercado de trabalho e é por meio da pesquisa que se pode perceber essa disparidade.

Quando a dualidade entre público e privado não é problematizada, se compreende que as trajetórias das pessoas são apresentadas como formas distintas e independentes dessas respectivas relações, ignorando como essas esferas estão conectadas (BIROLI, 2018).

O “sucesso” ou “fracasso” individual, assim como a configuração da vida familiar, podem ser apresentados como se fossem um resultado de escolhas voluntárias, em vez de desdobramentos de uma série de injunções e do conjunto das alternativas disponíveis de fato (BIROLI, 2018, p. 62).

De acordo com Biroli (2018) a divisão sexual do trabalho não pode ser compreendida como algo meramente individual de escolha. Ela está profundamente ligada com a naturalização das relações de autoridade e subordinação, justificadas pela diferença da biologia, reforçando as formas simbólicas do masculino e feminino, contudo as restrições impostas pela raça, gênero e classe social. Essa somatória culmina em desiguais responsabilidades e estimulam a determinadas ocupações ao mesmo tempo que atrapalham ou impedem acesso a outras. A divisão sexual do trabalho, além de retirar tempo e recursos das mulheres, pode também reduzir o acesso a redes de contato, importantes para expansão de possibilidades de construção coletiva, como participação em movimentos e espaços políticos.

Saffioti (2015) reforça que na luta da perspectiva feminista, o espaço/tempo da cidadania não pode ser idealizado isoladamente das outras esferas sociais, como só pudesse ser exercida na política institucional. Deve-se na verdade penetrar nos demais

espaços/tempos para que assim o ser humano possa usufruir de sua condição de cidadão em todas as relações sociais.

O capitalismo neoliberal abrevia a responsabilidade pública por tarefas que são colocadas para as mulheres, essa alocação baseia-se na naturalização da conexão entre sexo biológico e comportamento que se constrói a associação entre mulher e domesticidade. Atualmente se prevalece um modelo que as mulheres se dividem entre trabalho remunerado e as atividades da casa, do cuidado com a família, a busca por jornadas mais flexíveis de trabalho para sustentar todas essas atividades revela também a menor proteção social as trabalhadoras e trabalhadores. Ou seja, quanto mais ocupações tem que serem realizadas para que a renda seja suficiente, menores serão as garantias e gestão livre do tempo (BIROLI, 2018).

Gonzalez (2020) alerta que a categoria mulher, enquanto vista como avanço nos últimos anos no sistema brasileiro, quando compreendida como forma de universalização abstrata encobre a realidade vivida pela grande excluída da modernização conservadora imposta pelos donos do poder do Brasil pós 1964: a mulher negra.

Falar também sobre essa questão racial da mulher é crucial. Entretanto, Saffioti (2015, p. 122) apresenta que “não se trata de somar racismo + gênero + classe social, mas de perceber a realidade compósita e nova que resulta desta fusão”. Ou seja, conforme a autora, não é sobre análise quantitativa, mas sim de determinações, de qualidades que fazem a situação muito mais complexa das mulheres.

Nesse sentido, por exemplo, Biroli (2018) reforça que a fronteira entre trabalho formal e informal no Brasil tem caráter racial, pois quase metade da população negra estava no trabalho informal em 2013, em contrapartida de 34,7% da população branca. A divisão racial do trabalho atua como um equilíbrio do sistema, sendo um dos maiores critérios de articulação para o posicionamento das pessoas na estratificação social, mantendo a força de trabalho negra na condição de massa marginal na ótica do capitalismo industrial monopolista e de exército de reserva nos termos de capitalismo industrial competitivo. Esse é um dos braços do sistema que contorna o desenvolvimento econômico brasileiro enquanto desigual e combinado. Com a divisão sexual e racial que estruturam a sociedade, a mulher negra sofre o processo tríplice de discriminação enquanto raça, classe e sexo (GONZALEZ, 2020).

Ao abordar relações de gênero no turismo, o objetivo é além de evidenciar como são desiguais as oportunidades para mulheres e homens, é também demonstrar que são orientadas pelos vetores de poder relacionados às categorias sociais. O trabalho doméstico

como já visto implica em funções historicamente relacionadas ao feminino e masculino, envolve a manutenção da estrutura familiar, contando com uma significativa quantidade de serviços para os cuidados não é valorizado monetariamente, tampouco socialmente, e está relacionado com o legado cultural da divisão sexual do trabalho e presente nos trabalhos formais, informais, influenciando a sociedade como um todo (GABRIELLI, 2021).

Sendo o turismo uma atividade que envolve contatos pessoais entre indivíduos de formações culturais diversas, através de deslocamentos para lugares marcados pela alteridade, é fundamental entender como as relações vivenciadas nesse cenário são oportunizadas e exploradas de acordo com a categoria social dos sujeitos envolvidos. Os impactos refletem diretamente no resíduo da experiência turística, que fica tanto para turistas, quanto para autóctones (GABRIELLI, 2021, p. 1050-1051).

Gabrielli (2021) pesquisou o que diz respeito à Caracterização da Ocupação Formal e Informal no Turismo, a partir do extrator de dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), analisando dados disponibilizados pelo Ministério do Turismo (MTur) por meio do Anuário Estatístico do Turismo 2018. A autora aponta para falhas com dados importantes indisponíveis, tais como a caracterização da demanda doméstica, a impossibilidade de cruzamento de variáveis como origem das visitantes e gênero, sendo que em relação ao mercado formal há maior possibilidade de cruzamentos direcionados dessas variáveis do que no mercado informal.

Por meio da pesquisa de Gabrielli (2021) é possível perceber a ausência da variante racial dos dados disponibilizados pelo MTur, até a finalização dessa pesquisa em abril de 2022. Para Gonzalez (2020), a ausência de indicadores raciais em censos e documentos reforça o mito da democracia racial, no argumento de todos iguais perante a lei, afirmando uma harmonia racial, ocultando o fato da população negra que ocupa em grande parte a mão de obra mais explorada. E, aliado ao sistema da desigualdade sexual, o caráter duplo da sua condição biológica torna as mulheres mais oprimidas e exploradas na região de capitalismo patriarcal-racista dependente.

A partir da pesquisa de Gabrielli (2021) é possível perceber que na área da hospitalidade, profundamente ligada ao doméstico, há maior paridade de empregados homens e mulheres, contudo, nas áreas de transporte, que é comumente associado ao espaço público, tem sua presença majoritariamente de homens trabalhadores. Nos cenários formal e informal, observa-se a grande presença da mão de obra feminina nas atividades relacionadas ao receber e servir, funções fortemente relacionadas com o doméstico, nas áreas de alojamento e alimentação.

Inclusive no mercado de trabalho formal, entre as Atividades Características do Turismo (ACTs), também apresenta essa mesma desigualdade. Nos trabalhos externos como transportes percebe-se a presença maior de trabalhadores homens. Já aqueles setores que requer trabalho interno, relacionando-se com afazeres domésticos, relacionados a alojamento, agência de viagens e alimentação, há presença de trabalhadoras mulheres em maior peso. E a presença significativa do segmento de mulheres com nível superior no mercado informal pode refletir dificuldades de inserção, por parte das mulheres formadas, no mercado formal, mais estável e valorizado, porém menos flexível (GABRIELLI, 2021).

Como já mencionado, as mulheres estão presentes nos patrimônios culturais na relação de trabalho muitas vezes como artesãs. Para Azevedo e De Andrade (2017) o lugar de empreendedora está presente na vida das mulheres por influências de diversos fatores como a desigualdade social, ocupação de cargos inferiores, dupla jornada de trabalho, a cobrança familiar e profissional faz com que muitas consigam equilibrar-se melhor abrindo um negócio.

Um dos principais temas do movimento feminista é o acesso das mulheres, principalmente as das classes populares, às oportunidades econômicas, sendo a autonomia econômica uma perspectiva central. Pode-se compreender que a autonomia econômica das mulheres deve ser analisada sob diferentes óticas como do desenvolvimento econômico e social, geração de trabalho e renda, assistência social, erradicação da pobreza e da economia solidária (COSTA, 2012).

Uma das áreas de atuação da mulher empreendedora é o artesanato, por ser essa uma atividade de habilidade manual associada ao trabalho feminino. O artesanato proporciona uma forma de produção que pode ou não gerar bens econômicos; entretanto, sua maior vantagem encontra-se na geração de trabalho para grupos de mulheres que almejam ocupar um lugar na sociedade (AZEVEDO e DE ANDRADE, 2017, p.181).

Em uma análise feita por uma saída de campo com os estudantes, Zarbato (2021) ressalta que na Central de Comercialização da Economia Solidária do Mato Grosso do Sul as mulheres artesãs, que constitui o entendimento de patrimônio cultural, têm suas atividades relacionadas a sua comunidade, contribuindo assim para a aprendizagem da história dessas mulheres e seus saberes. De acordo com a autora, nesse espaço, as mulheres apontam que congregam ações de economia solidária, envolvendo assim um movimento social que busca uma nova forma de economia, e conseqüentemente de viver,

baseando-se na solidariedade, na democracia, no consumo consciente e na valorização do saber local.

A Associação Mãos Que Se Ajudam (AMQSA), no município de Lucena/PB, foi objeto de pesquisa de Azevedo e De Andrade (2017), cujo trabalho no campo teve início em maio de 2014. De acordo com as entrevistas realizadas foi observado que o trabalho dessas mulheres surgiu da necessidade de se sentirem produtivas, já que maioria eram donas de casa e mulheres de pescadores, dependendo financeiramente dos maridos. Ou seja, a maior preocupação era aumentar a renda da família, evidenciando assim, que foram empreendedoras por necessidade com o objetivo de criar uma oportunidade de trabalho num produto de conhecimento comum e com uso de uma matéria-prima local, o coco, para produzir cocada. A fibra do coco é também aproveitada para produzir o artesanato e as bijuterias e, assim, gerar renda para essas artesãs e suas respectivas famílias (AZEVEDO e DE ANDRADE, 2017).

Conhecida como Cocada na Quenga, que se tornou o doce típico do município, as entrevistadas revelaram que no início sofreram muita discriminação por assumir uma nova profissão, algo que a sociedade não aprovou, tanto pelo nome adotado do produto, já que quenga teria duplo sentido, uma das entrevistadas revela que ouviam muitas piadinhas das pessoas e dos próprios turistas também (AZEVEDO e DE ANDRADE, 2017).

Para Gabrielli (2021) como as mulheres estão mais na linha de frente do turismo e possuem mais contato com os turistas, a forma como as mulheres são tratadas, especialmente no mercado turístico, reflete e poderá ser compreendido como padrão cultural local. Em relação à remuneração nas ACTs, a autora argumenta que há maior assimetria no mercado de trabalho formal, sendo a categoria que recebe menos valorizada, com cerca de até dois salários mínimos, a qual é predominantemente feminina. Já quando se analisa a faixa de maior remuneração, a situação se inverte, há em sua maioria homens. Sobre o mercado informal, não é possível fazer uma análise por falta de variáveis e informações suficientes (GABRIELLI, 2021).

Os dados levantados em entrevistas e durante as conversas informais com as cocadeiras, demonstram que houve uma época que a renumeração era satisfatória, mais que atualmente. Poucas as mulheres da Cocada na Quenga e do artesanato que, realmente, conseguiram uma melhora significativa como equipando suas casas, melhorando as condições de estudo dos filhos. Com o atual cenário econômico de crise, com a

diminuição dos pedidos e do fluxo turístico, todas reclamam da baixa remuneração (AZEVEDO e DE ANDRADE, 2017).

Para Yannoulas (2011) há uma forte relação entre o acesso majoritário de mulheres numa determinada profissão e a respectiva progressiva transformação, ou seja, quanto mais mulheres numa ocupação, mais essa profissão se transforma qualitativamente. A partir da presença massiva de mulheres, se diminui a remuneração e o trabalho perde reconhecimento social. A autora argumenta que quando as profissões se feminilizam passam a ser compreendidas como extensão da função privada de reprodução social no espaço público, estritamente relacionada com a função de cuidados (YANNOULAS, 2011).

Além de que o discurso do empreendedorismo na ótica da ideologia neoliberal isenta o Estado da responsabilidade de garantir mínimas condições de vida para essas pessoas, seu sucesso ou fracasso é responsabilidade de cada um, desconsiderando a relevância das variáveis do contexto social onde os sujeitos estão. Ou seja, é necessário compreender o empreendedor como um sujeito imerso em um contexto social que o influencia, sendo por ele também influenciado. O contexto brasileiro apresenta um empreendedorismo sustentado por pequenos negócios, em sua maioria individuais e voltados à sobrevivência (CARMO et al., 2021).

Ao contrário do que pregam esses discursos, os sujeitos não vivem em condições de igualdade para que sejam imbuídos de uma ideologia neoliberal que prega que ele deve ser o único responsável por seu sucesso ou fracasso. Desse modo, o que seria sucesso ou fracasso para um microempreendedor individual que recebe em torno de um salário mínimo por mês? Percebe-se uma grande lacuna entre a realidade vivida por esse sujeito e aquilo que é apregoadado pelos discursos ideológicos neoliberais (CARMO et al., 2021, p. 29).

Para se compreender de maneira complexa as razões que compõem esse cenário da divisão sexual do trabalho é necessário olhar para a história, para as construções do passado que se solidificaram e ecoam no presente. Com isso, o próximo capítulo abordará a questão da mulher como construção histórica do mito para a realidade, que atravessa esferas sociais e culturais, refletindo assim nas cidades e propõem uma análise a partir da perspectiva das representações nos patrimônios. E, a pesquisa tem como objetivo de ir além buscando demonstrar formas de resistência, já que não há possibilidade de emancipação social das mulheres quando se conforma com o discurso dominante.

## 1.2 A descida: mulheres, mitos e rupturas de estereótipos

A filósofa Simone de Beauvoir em sua obra *Segundo Sexo* (1970) busca investigar o que é a mulher, saindo da visão essencialista, e do mito que é construído socialmente. Beauvoir dá os passos iniciais para o estudo que futuramente iria se qualificar como gênero. A autora por sua análise filosófica existencialista refuta argumentando contra qualquer condição que impute a mulher características inatas, é também apresentado a concepção de mulheres enquanto classe, contudo é difícil de visualizar essa unidade haja vista que as mulheres não possuem sua própria história e cultura em comum, ou seja, uma unidade cultural forte o suficiente para tal universalização como se vê na categoria de proletariados e negros, por exemplo.

Aceitar como a divisão “natural” entre homens e mulheres é também naturalizar a história e os fenômenos sociais, que são a manifestação da nossa opressão, tornando praticamente inviável qualquer tentativa de mudança. Uma análise feminista materialista permite romper com essa ideia, compreendendo que as categorias homem e mulher são categorias políticas e não dados naturais (WITTIG in HOLLANDA, 2019). Para a autora, uma das primeiras ações para extinguir essas categorias é “desassociar completamente ‘mulheres’ (a classe dentro da qual lutamos) de ‘mulher’”, o mito. Pois “mulher” não existe para nós, é apenas uma formação imaginária, enquanto “mulheres” são o produto de uma relação social” (WITTIG in HOLLANDA, 2019, p. 88).

Beauvoir (1970) argumenta que a humanidade é masculina, até mesmo na linguagem universal se denuncia isso quando se referimos aos homens como todos os seres humanos. E para se definir algo como uma, é necessária a categoria da outra, da alteridade, no qual se encaixa a questão da mulher. Sendo essa definida socialmente como não essencial, negativa, se limitando a imanência, a outra polaridade do positivo, do essencial e da transcendência constitui os homens. Saffioti (2015) complementa que gênero não é somente o social, dele participa o corpo, seja como mão de obra, como objeto sexual, como reprodutor de seres humanos que replicam as ideologias do sistema vigente.

As mulheres são peças essenciais para se criar uma sociedade, sempre foram sujeitos e agentes da história, “fizeram história mesmo sendo impedidas de conhecer a própria História e de interpretar a história, seja a delas mesmas ou a dos homens” (LERNER, 2019, p. 29). Essa é a dialética da história das mulheres. Para Lerner (2019), as mulheres são fundamentais para criação de uma sociedade. É através dela que há a

transmissão dos valores, a cultura e a vivência social, mesmo que em si as próprias mulheres não tenham participado da construção dessa sociedade como nos sistemas de símbolos, filosofias, ciências e leis. Essa dialética consiste no discurso narrativo idealizado sobre as mulheres e a experiência de fato que elas tiveram, participando da sociedade, não apenas reclusa no lar.

A questão do público e privado permeia a história das mulheres, e é necessário que vejamos essa relação como dinâmica, de que o público e privado se interrelacionam, “(...) através da janela, a casa e a rua, o público e o privado se interpenetravam através de trocas permanentes” (DE MATOS, 1995, p. 10).

Para De Matos (1995) os elementos que constituem o público e o privado são sociais, culturais e historicamente definidos. O espaço não pode ser apenas definido e caracterizado com as imagens, mas também dos sons que nele escutamos, das vozes que ocupam as ruas com suas histórias. Ou seja, os conceitos, sentidos e práticas percebidos através do público e privado não são universais, são instáveis. O conflito se instala no corte aberto entre cidade e as memórias.

Onde emergem as representações fragmentárias do espaço - o espaço como suporte de memórias diferentes, contrastadas, múltiplas, convergentes ou não, mas que delineiam cenários em constante movimento, onde esquecimentos e lacunas constroem redes simbólicas de formas diferenciadas, discursos diversos que fazem da cidade lugar para se viver, trabalhar, rezar, observar, divertir-se. E onde, o privado ultrapassa os círculos da moradia ou da família, misturando-se com os laços comunitários e étnicos, criando espaços de sociabilidade e reciprocidade, no trabalho e no lazer, em meio às tensões historicamente verificáveis (DE MATOS, 1995, p. 100-101).

Uma das características ligadas às baianas de acarajé é o espaço público e sua relação constitutiva. Há uma reivindicação de reconhecimento profissional por meio da concepção do seu uso na rua. É nesse espaço público que se articula um tipo de sociabilidade específico entre as baianas e os clientes, principalmente quando se observa a influência da religião afro brasileira nessa relação (BITTER; BITAR, 2012).

“A dualidade entre o público e o privado, constitui papéis, produz o gênero. Mas não o faz da mesma forma para todas as mulheres” (BIROLI, 2018, p.12). Ou seja, para a autora tem relação com a raça e atende a uma dinâmica de classe, demonstrando o quanto a intersecção entre gênero, raça e classe são essenciais para qualquer análise.

Não obstante, a história das mulheres enfrenta obstáculos como o apagamento de suas fontes e vestígios. Primeiro, por ausência de registro. Como Perrot (2019) argumenta que as estatísticas, que por conquistas feministas recentes, têm sido sexuadas e também

por comumente perderem seu sobrenome no casamento, são condicionantes que se tornam quase impossível reconstituir linhagens femininas. E, segundo, por também ocorre uma autodestruição da memória feminina. Convencidas de sua insignificância, comumente destroem relatos pessoais. “No teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra” (PERROT, 2019, p. 22).

Contudo, a busca por outras fontes tem contribuído para expandir as visões do passado, a partir do questionamento da hegemonia de certas fontes documentais de instituições chaves como Estado e Igreja. Essas pesquisas também contribuem para evidenciar que gênero faz parte da história através de sua relação social, cultural, econômica e política no passado, ou seja, essas construções não são imutáveis, mas sim mutáveis e dignas de reconstrução (DE MATOS, 2013).

Grande parte das representações das mulheres ao longo da história partem da visão dos homens, frequentemente estereotipada para designá-las e qualificá-las, refletindo e a construção do imaginário social, logo, evidenciando as representações da feminilidade. Então, ao se propor uma história das mulheres em que essas sejam ao mesmo tempo sujeitos e objetos do relato é necessário alcançar esse silêncio e quebrar os estereótipos que as envolvem (PERROT, 2019).

Contudo, as representações da inferioridade feminina não só indicam o imaginário masculino, de maneira repetida, mas também se inscrevem nos pensamentos e nos corpos das pessoas. Analisar a submissão imposta das mulheres pela ótica da violência simbólica permite compreender que a relação de dominação é comumente afirmada como uma diferença de natureza universal. Ou seja, o objetivo de buscar as mulheres na história não é contribuir com essa oposição masculino/feminino, mas sim identificar para cada configuração histórica os mecanismos que exprimem e representam como natural a divisão social, sendo estas categorias históricas, as quais demonstram os papéis e suas funções sociais, culturais (CHARTIER, 1995).

Estudar história das mulheres não é apenas integrar a uma outra história, como se fosse um capítulo da história geral. Isso anularia toda as suas implicações. O objetivo de escrever uma história analítica das mulheres é para conectar seus problemas àqueles de outras histórias. A história das mulheres colaborou para a expansão de compreensão de novos fatos do passado e isso aumenta conhecimentos históricos (TILLY, 1994).

E esse processo é cumulativo e interdisciplinar, como já citado. Com a dificuldade de fontes históricas tradicionais, esse desvelar demandou dos historiadores muita criatividade e capacidade de se relacionar com outras áreas, a fim de incluir as mulheres

na história, tal como a demografia histórica, história econômica, história social, história das ideias e a história política. Ou seja, uma nova especialidade história surge, tendo as mulheres como sujeitos da história (TILLY, 1994).

Estudar sobre a história das mulheres também não se trata apenas de integrar as mulheres num relato pronto, seja demonstrando que elas atuam e atuaram tanto como os homens, seja valorizando as diferenças de uma “cultura feminina”. Esse posicionamento pode, assim, reduzir a uma visão única, essencialista e submergindo a multiplicidade do ser feminino. Combater as noções abstratas de “mulher”, como identidades únicas e a-históricas evidencia que mulheres não constituem grupo homogêneo, variáveis como nacionalidades, cultura, classe, raça/etnia, geração, crença religiosa e dentre outras são importantes a serem ponderadas e entrecruzadas para, assim, evitar generalizações e tendências (DE MATOS, 2013).

De acordo com Tilly (1994) a existência de uma “cultura feminina” em forma generalizada recai apenas sobre mulheres das classes médias e superior. Carneiro (2003) evidencia isso ao argumentar que as mulheres negras tiveram, e ainda têm, uma história diferente do que o discurso clássico sobre a mulher apresenta. Principalmente em relação ao mito da fragilidade feminina, que é visto como justificativa da história paternalista dos homens sob as mulheres.

Contudo, esse mito não se aplica a realidade das mulheres negras que nunca foram percebidas como frágeis na sociedade, sempre em linha de frente, em trabalhos mais difíceis. Para a autora, são consideradas “(...) parte contingente de mulheres com identidade de objeto” (CARNEIRO, 2003, p. 2).

O famoso discurso improvisado, proferido por Sojourner Truth (2020) durante a Convenção dos Direitos da Mulher, em 1851, na cidade de Akron, já evidencia essa questão da mulher negra. Na época, na primeira onda feminista, a luta pelo sufrágio e trabalho era o que estava em voga, sendo que a reivindicação do trabalho falava mais sobre a mulher branca burguesa, do que a mulher negra. Truth (2020) iniciava a crítica à invisibilidade da mulher negra que existia dentro do movimento feminista.

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém nunca me ajudou a entrar em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu carreguei treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha tristeza de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? (TRUTH, 2020, p.27-28).

Para Gonzalez (2020), o esquecimento da sociedade, que é baseada nos sistemas de classificação sociais e econômicos em relação a mulher negra, denuncia a negação da história feita de resistências e de lutas, nos quais essas mulheres têm sido protagonistas. Essa ausência expõe o processo de expropriação socioeconômica e de apropriação cultural que as classes influentes têm feito contra os povos negros desse país, incluindo homens e mulheres.

Julio (2015) argumenta que a abordagem histórica sob as mulheres possibilita trazer olhares diversos sobre as vidas e os corpos dessas mulheres, que foram tão estereotipados, inclusive na mulher indígena. O olhar sexualizado na mulher indígena decorre desde o processo de colonização, evidenciando assim uma relação com o contexto social político. Nesse período, as indígenas sofreram duplo estigma, o de gênero e o étnico.

Naturalizar o papel social esperado dessas mulheres indígenas como mães, esposas, concubinas e força de trabalho, oculta as situações de violência, sexual e simbólica, que essas mulheres sofreram [e sofrem]. Essas mulheres estiveram incluídas de fato nesses papéis. Entretanto, aquelas que de alguma maneira não seguiram essas funções, as quais a sociedade colonial esperava, aproveitaram as oportunidades para escapar das difíceis condições, foram migrando para cidades, fugindo de aldeamentos. Ao direcionar o olhar para essas mulheres, percebe-se que foram sujeitos históricos, participaram de maneira ativa na história. Isso possibilita retirar aquele olhar homogêneo de que as indígenas não lutaram, simplesmente aceitaram seu destino imposto pelos colonos. E mesmo essas que exerceram papéis diferentes, não se anulam as violências comuns aos homens e mulheres indígenas, que sofriam com estupros, agressões domésticas, no ambiente de trabalho, na casa do colonizador, revelando assim uma extrema fragilidade social desse grupo (JULIO, 2015).

Percebe-se também que aquelas raras exceções que conseguiam chefiar seus lares e exercerem um papel político informal não quebraram o sistema vigente. Apenas foram incorporadas de maneira diferente. O objetivo é, então, de acordo com Julio (2015), possibilitar um olhar histórico mais diverso para esse grupo social, que sofre dos estereótipos reproduzidos dentro e fora da academia, assim como o mito da mulher frágil que também não se aplica à história das mulheres indígenas. Mulheres essas que também tiveram que trabalhar fora de casa, por sua condição econômica precária, ocupando espaços nas ruas como vendedoras, artesãs, e nos espaços domésticos como amas de leite, costureiras, parteiras.

Olhar para as mulheres na história é um desafio, como explicado pela dificuldade de encontrar essas narrativas nas fontes históricas. Contudo, esse movimento possibilita romper com os olhares patriarcais e racistas que recaí sobre as mulheres. Perceber como as mulheres também participaram de alguma maneira na sociedade, impulsiona a compreensão de que a história foi escrita por diversas personagens. Suas decisões impactaram não somente suas vidas, mas de uma coletividade também. Compreender a ação das mulheres no tempo inspira formas de resistência e de existência. Para isso, é preciso que essas narrativas estejam expostas nos museus, interpretadas nos patrimônios e nos espaços urbanos, em contato com a sociedade, contadas entre as famílias, por meio das memórias coletivas.

### **1.3 História das mulheres e suas possíveis representações nos patrimônios históricos culturais**

Os estudos de museologia têm como base o conceito de patrimônio integral, ou seja, o conjunto de referências materiais e imateriais com potencialidade para agir na construção das identidades e desenvolvimento dos grupos humanos. O caráter político e subjetivo que imputa valores para justificar a preservação de tais bens culturais em face de outros não se faz de maneira neutra. É necessário então discutir a colonização dos museus e dos patrimônios, compreendendo que houve uma transferência europeia da cultura dos museus para os países das Américas. Atualmente, percebe-se a reprodução de um modelo de museu hierarquizado, que apresenta as referências culturais nas óticas nacionalistas, cientificistas e com realce para os grandes eventos da história dos heróis, principalmente dos homens (DE OLIVEIRA e QUEIROZ, 2017).

A forma como a sociedade, principalmente europeia, encontrou de se relacionar com seu passado, de construir sua identidade, tendo ponte com a temporalidade, foi por meio da valoração das construções antigas, funcionando assim como um espelho, um reflexo do passado. Esse processo se deu muito durante o período da Revolução Industrial e também da Revolução Francesa, já que eram momentos históricos de muitas mudanças, transformações bruscas de pensamento e ações. Nesse período, foi-se necessário preservar algo ainda do passado, como edifício, casas, construções em gerais, que remetiam a algo que daria suporte a matéria da memória, estruturando a civilização da imagem, e assim poder compreender que fora um momento propício para a consagração institucional do monumento histórico. Eles eram administrados principalmente pelo Estado, herdando o modelo da França, para assim, posteriormente, haver a mundialização dessa percepção e desses valores pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) (CHOAY, 2010).

Fonseca (2003) instiga muitas reflexões de como é visto e elaborado a questão do patrimônio no Brasil, de caráter milenar e solidificado pelo IPHAN, o patrimônio material é o que sempre fora valorizado, denunciando assim um caráter elitista e de exclusão de outras culturas que não a predominante, a hegemônica. Por meio de uma análise crítica dos Livros do Tombo não se percebe apenas essa exclusão, mas a consequência mais grave é produzir um retrato da nação que reflete a cultura trazida pelos colonizadores, reproduzindo a estrutura social que implantaram (FONSECA, 2003).

As ações que englobam além da função de proteger um bem se pautam na identificação, promoção e difusão que possibilitem reapropriação simbólica, tendo assim um caráter político, já que a diversidade social e cultural para ser reconhecida precisa que diferentes grupos sociais se reconheçam nesse discurso. Logo, surge a necessidade de uma revisão desses valores e a maneira como é catalogado, sendo necessário uma reapropriação simbólica social das diversas manifestações culturais do nosso país (FONSECA, 2003).

A utilização de evidências materiais como históricas é cada vez mais relevante para análise conforme se aumenta a possibilidade de contextualizá-la. Ou seja, produzir conhecimento sobre um artefato significa além de analisar suas características físicas, mas também o relacionar com os itens e espaços do seu contexto, como as experiências com elementos semelhantes e igualmente os textos a eles relacionados como propagandas, catálogos (CARVALHO, 2001).

As ligações entre produção da memória, identidades e identificações de determinados grupos culturais que ficam expostas em museus têm sua singularidade e estão fundamentadas em algumas concepções de representatividade para a sociedade contemporânea. Ao adentrar um museu, emerge em cada um de nós uma série de sentimentos, identificações, memórias relacionadas a este bem patrimonial como testemunho material para a história, tanto do ponto de vista da ocupação do espaço da cidade quanto dos padrões estéticos e expressivos de que memória é evocada pela circularidade na edificação (ZARBATO, 2021, p.712).

A natureza dinâmica do patrimônio invoca transformações permanentes, ou seja, os bens culturais de natureza material têm uma face imaterial, assim como patrimônio intangível não se deve valorizar apenas sua forma final, mas seus processos, e isso perpassa a questão de que se o tombamento é o meio mais adequado para preservação, quando se é algo dinâmico, mutável, problemática que tange desde questões do direito, como proteção autoral (SANT'ANNA, 2001).

Em um contexto de mudanças, de aprofundamento da divisão social do trabalho e estouro da produção industrial em massa, conseqüentemente ascensão das classes médias urbanas, a casa burguesa trabalhou como um campo operacional fundamental na construção do gênero por meio de dispositivos materiais. Estudos sobre a produção física e simbólica dos espaços de habitação têm colocado em visibilidade a sua importância na formação de categorias fundamentais como, a social quanto para questões pessoais como, a vida psicológica e afetiva da pessoa e das práticas sexuadas no ambiente doméstico (CARVALHO, 2001).

Sobre coleções e colecionismo, sabemos a partir de pesquisas anteriores que de modo geral, as artes aplicadas compreendidas como cristais, prataria, porcelana, indumentária e mobiliário são geralmente associadas ao universo feminino, modelando a categoria Museu Casa, que, em geral, reproduz residências de famílias abastadas a partir das ambientações. Nessa abordagem, a mulher está presente nas narrativas construídas a partir da Casa, espaço de vida social privada a ela reservado (DE OLIVEIRA e QUEIROZ, 2017, p. 72).

Segundo D'Incao (2015) o interesse em conservar a ideia da casa burguesa como espaços privados das mulheres, no qual participaria da vida pública apenas nas salas, salões e jardins em festa, reforçando o ideal da mulher relacionada ao lar, a vida privada e como cuidadora e defensora da imagem do homem, já implicaria ao homem, ser associado ao espaço público, no centro das decisões, pode ser considerada uma das bases que sustentam o patriarcado e se relaciona com a hierarquização estruturada da família (DE OLIVEIRA e QUEIROZ, 2017) .

As abordagens da História das Mulheres para Zarbato (2021) abarcam a perspectiva histórica pautada na História Cultural já que as representações, as narrativas

femininas, ações em espaços públicos foram incluídas nas discussões históricas. E assim, a referência teórica para a análise do patrimônio considerando as mulheres se utiliza da análise da contribuição da memória das mulheres em campos culturais, tais como os museus, espaços culturais e bens imateriais. Ao dar visibilidade a esse campo das histórias das mulheres acrescenta-se outro prisma sobre a história universal, envolvendo a presença e contribuição das mulheres em espaços culturais da sociedade em diferentes tempos históricos.

Artesãs, gestoras de museus, artistas, sambistas, paneleiras, rendeiras compõem a dinâmica de saber e fazer presente na cultura histórica das sociedades. Essas e outras mulheres estão envolvidas no processo de análise sobre o Patrimônio histórico cultural e as potencialidades da História das mulheres na sociedade (ZARBATO, 2021, p.697).

O paradoxo consiste em que as mulheres estão em sua maioria no campo museológico, sendo tanto profissionais como visitantes em contrapartida há baixa representatividade das mulheres nas coleções dos museus de modo geral. Isso está relacionado com a lógica androcêntrica, especialmente da forma que as experiências masculinas são retratadas como as vivências de todos seres humanos, considerada como a universal. Essa ótica silencia mulheres, suas experiências e saberes, e é essa lógica que está prevalecendo nos museus ainda que sejam espaços ocupados predominantemente por mulheres. Por isso, precisamos desvelar e perceber onde estão as mulheres nesse universo masculino. Ler no silêncio e na ausência, declarada ou não, de sua representação social. Para isso é necessário questionar quem elabora tais discursos nos museus, subvertendo a ordem dessa representação, reescrevendo a história (DE OLIVEIRA e QUEIROZ, 2017).

O papel das mulheres na sociedade também instiga a saber de que maneira as contribuições acerca da representação feminina nos patrimônios edificados, como nos museus, possibilitam reescritas das narrativas do passado, que possam compreender os silenciamentos sobre o universo feminino. Em relação ao campo dos museus, analisar por essa ótica do gênero, contribui-se para a equidade social, dando visibilidade as mulheres e suas realizações. Já no patrimônio cultural pode contribuir para ampliar a aprendizagem histórica, especialmente em relação às mulheres, e colaborar com a superação do apagamento em relação à contribuição dessas mulheres nos diversos espaços urbanos. Ou seja, a representação cultural das mulheres em espaços culturais, urbanos, históricos possibilita que as pessoas reconheçam a ação desse grupo como interligado às ações na sociedade (ZARBATO, 2021).

De acordo com Bitter e Bitar (2012), em relação às baianas de acarajé e as tacacazeiras, por exemplo, compreende-se que suas práticas estão relacionadas com um valor social, transmitindo há anos seus saberes e assim dando prosseguimento as práticas culturais singulares. “As baianas e as tacacazeiras não são apenas cozinheiras capazes de produzir com competência certas comidas, são atores sociais que veiculam concepções de mundo. Ser baiana ou tacacazeira é uma forma específica de ser, estar e agir no mundo” (BITTER; BITAR, 2012, p.215).

Para Biter e Bitar (2012) o caso das baianas de acarajé há uma grande rede social e simbólica que as envolvem, nos quais os seus objetos que as formam não podem ser separados da sua noção de pessoa. É na rua que se constitui a categoria baiana, por isso a relevância de seus trajes, sua comida, formatam parte de sua cosmologia. Os autores apontam a interessante relação que o mesmo nome de seu ofício é o de seus trajes.

Assim como o tacacá conecta também diferentes domínios da vida social, atravessando e articulando-se em diversas atividades como a agricultura familiar, o comércio desses produtos em feiras e mercados populares por sua venda intermediada pelas tacacazeiras. Esse alimento conecta e organiza a vida dessas mulheres submergindo esferas públicas e privadas. O tacacá é presente tanto nas casas, no consumo doméstico quanto nas ruas. O caminhar das tacacazeiras pelas ruas com suas barracas e quiosques evidenciam parte da paisagem urbana, acompanhando o ritmo da cidade, contudo, um dos seus maiores problemas que enfrentam é a instabilidade da permanência de seu ponto por conta das políticas públicas de ocupação do espaço (BITTER e BITAR, 2012).

Já em relação ao patrimônio material, quando o museu reafirma a mulher como complemento, personagem auxiliar do homem, contribui para a permanência de estereótipos que a inferioriza na sociedade. Os museus tendem a ser omissos em relação a disputas que há no campo de memória e cultura pelo fato de reproduzirem uma histórica social política e científica que não incluía embates como parte da dinâmica social (DE OLIVEIRA e QUEIROZ, 2017).

Zarbato (2021) ao analisar o Museu José Antônio Pereira em sua pesquisa com a saída de campo com os estudantes em Mato Grosso do Sul no período de 2017/2020, ressalta que os itens encontrados relacionados às mulheres se encontram, a maioria, nos espaços de cozinha e no quarto do casal Pereira. E para De Oliveira e Queiroz (2017), em relação ao Museu Afro Brasil tem exercido um desempenho importante na inclusão do negro na sociedade brasileira e na formação histórica do país, contudo ao se analisar

as representações do homem e da mulher negra expostos no museu, percebe-se ainda uma assimetria.

Neste caso, os módulos da exposição de longa duração evidenciam, de fato, homens negros que se destacam na vida social e política do Brasil, enquanto as mulheres negras são representadas basicamente pela vida doméstica, ou, na melhor das hipóteses, pelas suas atuações na área das artes: como as cantoras Elza Soares e Clementina de Jesus; as atrizes Ruth de Souza e Zezé Mota; a escritora Carolina Maria de Jesus e a dançarina Mercedes Baptista. Trata-se de um indicativo importante sobre a posição que as mulheres ocupam no imaginário social, como também da dificuldade de repensar formas de representação social contra hegemônicas numa sociedade mantida por hegemonias eurocêntricas aqui constituídas (DE OLIVEIRA e QUEIROZ, 2017, p 72-73).

Há resistências principalmente quando se analisa a museologia no viés social, como o Museu de Favela (MUF), do Pavão, Pavãozinho e Canta Galo; e a Casa dos Movimentos da Estrutural, no Distrito Federal, que realizaram ações voltadas às mulheres no seu contexto local. Essas exposições evidenciam as diferentes formas e posições que as mulheres ocupam na história, percebe-se uma lacuna no discurso e na prática da realidade social. Enquanto nos museus tradicionais as coleções referenciam a mulher branca, casada, cristã e rica, nos museus de territórios periféricos há maior evidência para a mulher negra, com sua carga histórica de exclusão e inferiorização, e também de resistências e de conquistas associadas à vida cotidiana. Ou seja, nos museus e coleções em gerais há maior reprodução do discurso do mito da mulher, reforçando aquela imagem preconcebida e nos museus de comunidade a mulher é retratada no seu legado histórico principalmente quando se analisa a mulher negra na sociedade estruturalmente machista e racista, que não deixa espaço para que possam refletir sobre sua própria existência, já que é o mais ameaçado e sua existência e sua luta se baseia nessa garantia básica (DE OLIVEIRA e QUEIROZ, 2017).

Ressalta-se assim importância de colocar o debate sobre a descolonização dos museus e também do pensamento museológico relacionado às questões de gênero e raça como apontam De Oliveira e Queiroz (2017), pois ainda que essas discussões e práticas citadas tenham exposto a racionalidade museológica, elas ainda não avançaram o bastante no sentido de incluir tais temas no discurso predominante e alterar estruturas sociais mais consolidadas como a questão da diversidade social.

Compreender os elementos patrimoniais femininos como detentores e transmissores de saberes, práticas e tradições culturais pode-se cooperar para a compreensão sobre o papel social e cultural das mulheres em diversos períodos históricos e assim formatar uma educação emancipadora (ZARBATO, 2021).

Além de que as representações possíveis que incluam as mulheres na história nos patrimônios abrem a possibilidade de empoderamento. De acordo com Saffioti (2015) empoderar-se é sobre ter alternativas enquanto categoria social, o empoderamento individual coloca as mulheres na visão do neoliberalismo da meritocracia, como se tudo dependesse apenas do esforço despendido, tendo sua responsabilidade exclusiva e não do sistema que a impõe um mundo hostil.

Berth (2019) demonstra que atualmente a despolitização da palavra como algo meramente individual está sob a lógica neoliberal que não visa o fortalecimento comunitário. Baquero (2012) argumenta que empoderamento comunitário se relaciona com o processo de capacitação dos grupos mais excluídos da sociedade para articulação de interesses que visa a plena conquista dos seus direitos, no que tangue a questão de cidadania e de participação política.

Empoderamento pode ser compreendido como processo de conjecturar caminhos para reconstrução das estruturas sociopolíticas, se desvinculando com a formação de todos os aspectos opressores. Ao analisar a etimologia da palavra que se remete a poder, dar esse poder é falar sobre guiar estruturalmente indivíduos e grupos por diversos níveis de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais diversas habilidades humanas, de sua história, inclusive de uma compreensão quanto a sua colocação social e política, que se relaciona ao trabalho social de desenvolvimento estratégico envolvendo a emancipação intelectual (BERTH, 2019).

As representações expostas nesse capítulo evidenciam que a história das mulheres vem sendo silenciada, tanto nos espaços públicos como também em espaços de maiores visibilidades da educação patrimonial, os museus por exemplo. Ao adotar o foco de análise nos museus, torna-se evidente que as representações das mulheres na história são escassas e quando aparecem, a maioria segue o discurso padrão da mulher burguesa, branca, no espaço doméstico, restringindo outros olhares sobre essa mulher e também sobre as mulheres negras e indígenas. Então, além de propor um olhar decolonial sobre os museus, é preciso ir além e evidenciar as mulheres na história em outros espaços, nas brechas que as cidades apresentam por exemplo, já que a história das mulheres também participa desses locais. Esse posicionamento possibilita uma ampla forma de expressão para evidenciar essas memórias apagadas, tirando o foco do que comumente se fixa, os objetos e vestimentas apresentados, além de também oferecer uma proximidade com um público diverso.

Por isso, a presente pesquisa quis materializar a compreensão de como determinados caminhos percorridos, sejam em museus ou espaços públicos, podem ser, a partir do momento que se tornam uma ação política de educação e de afirmação, um instrumento de visibilidade para as histórias negadas das mulheres. Para de Medeiros e Surya (2009) a identificação a partir do conhecimento modifica a percepção de ver o mundo. Para isso é necessário ações sensíveis que possibilitem cada um ter acesso ao conhecimento da história do patrimônio cultural analisado, sua relevância e como preservá-lo. “Só se conhece aquilo que é ensinado com motivação adequada e, só se aproveita aquilo em que o interesse é atraído e instigado” (SILVEIRA, 2003, p 33).

## 2. CAMINHOS PARA VER ALÉM DA TORRE: PASSOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é de caráter qualitativo. O primeiro movimento realizado foi a análise teórica a partir da construção do quadro referencial, quadro 1, que permitiu uma análise das diversas contribuições de diferentes autoras sobre o tema e possibilitou fazer conexões com outros autores e autoras. Nesse primeiro movimento há também a pesquisa documental sobre os movimentos sociais que contribuem para maior visibilidade dessa problemática, ou seja, da inserção das mulheres na participação ativa da história, memória das localidades e a questão do trabalho. A síntese foi materializada na construção do capítulo um, percorrendo caminhos de rupturas e insurgências a partir de prismas teóricos. Alinha-se com o primeiro objetivo específico de tecer uma trama teórica entre história, patrimônios, turismo e mulheres com rupturas e insurgências nos olhares e percepções.

Quadro 1- Quadro Referencial

<b>Autora</b>	<b>Conceitos principais</b>
Beauvoir (1970)	Análise filosófica existencialista sobre a mulher, quando busca definir o que é a mulher conclui-se que não há características inatas que justifiquem a subordinação desse grupo, mas sim que há construções sociais que reforçam essa visão estereotipada e influenciam a vida das mulheres que atravessam desde a infância a velhice, e em condições que exercem enquanto mãe e esposa.
Gonzalez (2020)	Contribui para o debate feminista ao evidenciar o racismo, que há diferenças históricas relevantes entre as mulheres brancas e negras. Demonstra a vulnerabilidade da mulher negra no sistema patriarcal, capitalista e racista e como a mulher negra por vivenciar todo esse processo histórico que vem desde o período colonial, sustenta todo esse sistema a partir de sua exclusão dos espaços de poder, que é estratégia do sistema dominante para manter esses espaços de poder exclusivo e funcionando a partir de todo trabalho precário que a mulher negra é responsável.
Lerner (2019)	Conceitua a dialética da história das mulheres, enquanto esse grupo foi excluído sistematicamente da construção dos valores que sustenta a ideologia predominante, da história oficial, foi justamente esse grupo que permitiu a sobrevivência desse sistema ao transmitir esses valores. As mulheres participam da história ao mesmo tempo que não participam.
Saffioti (2015)	Análise da opressão da mulher com o foco na questão da sociedade de classes e do patriarcado, evidencia que não há possibilidade de libertação em concordância com o sistema capitalista e pontua a inseparabilidade das esferas público e privada, como essas se relacionam e influenciam na vida das mulheres.

Fonte: Autora, 2022.

Para fins de análise, a pesquisa propõe um olhar para os estudos de caso múltiplos sobre as experiências: “Na Rota das Mulheres na História” e “Tour Delas”, efetivados nas cidades de Recife/PE e do Rio de Janeiro/RJ. Apresentando os projetos liderados por mulheres que evidenciam a história das mulheres nas localidades por meio do *Walking Tour*. A saber, o *Walking Tour* (WT) pode ser uma ferramenta importante para gerar aproximação e reconhecimento dos patrimônios com o indivíduo, alinhado com a educação patrimonial e turismo. O WT propõe a prática de caminhar, sentir e ouvir o espaço urbano e possibilita perceber as diferentes histórias presentes

Para Silveira (2003) o WT pode ser compreendido como um passeio a pé por algum setor da cidade, local aberto ou fechado, normalmente de baixo custo, sendo demarcado no tempo e roteiro e em conjunto com práticas pedagógicas e referenciais históricos pode-se invocar esses passados de forma viva no presente momento, assim apresenta diversas possibilidades. E, “a ênfase do percurso deve ser definida e preparada previamente pelo seu autor, guia ou professor” (SILVEIRA, 2003, p.43).

Especificamente ao conhecer os projetos que dão base para os dois estudos de caso da pesquisa foi possível verificar como os WT permitem que as histórias e narrativas negadas às mulheres, sejam expostas e ecoadas, ultrapassando as finalidades do WT, reverberando nas histórias individuais e coletivas dos grupos que optam por essa experiência. Impulsionando uma outra percepção da memória da cidade e dos patrimônios e inspirando conexões sociais como será mostrado a partir dos estudos de casos.

Destaca-se que o estudo de caso é uma ferramenta metodológica com aspirações holísticas, já que busca compreender as diversas dimensões de um fenômeno social específico, conferindo uma multiplicidade de variáveis que são inter-relacionadas, seu objetivo é analisar e descrever situações complexas (ALMEIDA, 2016). Com isso, o segundo objetivo específico é contemplado na parte prática ao possibilitar conhecer duas experiências de WT idealizadas e protagonizadas por mulheres nas cidades de Recife/PE e Rio de Janeiro/RJ.

A pesquisa se estrutura a partir dos estudos de multicasos de Triviños (1987), sem fins comparativos com a possibilidade de estudar mais de uma organização com o objetivo de analisar profundamente as vivências de WT nas cidades de Recife e Rio de Janeiro, e o caso de Brasília, que mesmo com a ausência de um WT, apresenta possibilidades de um olhar mais atento para a história das mulheres.

A primeira experiência analisada é realizada na cidade de Recife pela historiadora Suzana Veiga responsável pelo projeto “Na rota das Mulheres na História”, que consiste

em um roteiro guiado e a segunda experiência é realizada na cidade do Rio de Janeiro, liderada pela guia de turismo Adriana Jackson, criadora e idealizadora do projeto “*Tour delas*”, que traz o protagonismo feminino nos roteiros turísticos.

Para a estruturação dos dois estudos de caso realizaram-se entrevistas semiestruturadas de maneira remota utilizando a Plataforma *Teams*. Ambas entrevistadas assentiram em expor seus nomes, em concordância com o termo de autorização de som e imagem, como demonstra os Apêndices 2, 3 e 4. As entrevistas seguiram um breve roteiro, evidenciado no Apêndice 1, tendo sido as duas entrevistas realizadas no dia 05 de abril de 2022. A entrevista com Suzana teve uma duração de quarenta minutos e com a entrevista com Adriana uma hora e quinze minutos.

Como processo de investigação após a realização das entrevistas transcreveu-se literalmente os conteúdos a fim de estabelecer suas devidas relações com os temas investigados na pesquisa, realizando o movimento de análise a partir da construção teórica que fora estabelecida no capítulo um deste trabalho.

É importante compartilhar que mesmo que de maneira virtual as entrevistadas se mostraram muito ativas a responderem as perguntas, e graças ao conforto que elas exibiram foi conduzida uma conversa que particularmente possibilitou muitos aprendizados a partir de suas histórias e seus trabalhos. As falas destes momentos ainda repercutem em mim, que como autora não sou neutra, que têm um valor crucial ao fazer essa recuperação, assim como é importante pontuar também quem são as autoras dos projetos estudados.

Suzana Veiga possui formação em Turismo e História, de acordo com ela foi essa dupla graduação e a experiência nas salas de aulas como professora que possibilitaram olhar para a cidade e a relação das pessoas que vivenciam os locais urbanos, como a visitação de museus. O WT elaborado por Suzana tem como objetivo proporcionar essa reflexão de porque não tem esse espaço aberto a mulheres, como nos nomes de ruas, às estatuas se referem sempre a homens até mesmo aos líderes da ditadura militar. Seu trabalho de visibilidade possibilita um resgate arqueológico, desencavando a história e passando a ressignificar essas ausências em presenças. E, assim compreender que no espaço urbano, percorrido pelo WT na cidade de Recife/PE, como local histórico, também teve participação social e política de mulheres.

Adriana Jackson é guia de turismo e os roteiros que elabora valorizam a presença feminina na cidade do Rio de Janeiro/RJ, os seus roteiros de WT são: As Mulheres na História do Rio, A História do Voto Feminino no Rio, Chiquinha Gonzaga, Madureira a

Terra do Samba, Matriarca de Madureira e A Força Feminina na Arte Urbana, normalmente os roteiros não são fixos nos locais, apenas o da Chiquinha Gonzaga que foca no Rio Antigo. O roteiro que aborda as mulheres no grafite, por exemplo, pode ocorrer em vários lugares da cidade, assim como o roteiro que fala das mulheres na história do Rio, que pode acontecer até mesmo dentro de museus. O objetivo dentro do turismo para Adriana é estimular essa percepção, com ou sem marco nos espaços urbanos, qualquer prédio ou ferramenta pode ter relação com a história de alguma mulher, aproveitando todo espaço disponível da própria cidade, sendo algum atrativo turístico ou não.

Ambos os projetos foram impactados pela questão da pandemia, Suzana e Adriana elaboraram e pensaram em colocar essa proposta em ação no ano de 2020, contudo, devido à situação emergencial do país, só conseguiram trabalhar nisso de forma presencial a partir do ano passado, 2021.

O terceiro objetivo específico consiste na descrição dos reflexos da construção das narrativas e seus impactos nas mulheres no âmbito social e cultural a partir dos estudos de caso, análise que se relaciona com a práxis, a partir das falas das entrevistadas buscase conectar com a teoria. O que Suzana e Adriana demonstram e vivenciam em seus projetos são reflexos sociais e culturais, que são abordados em estudos acadêmicos e feministas.

Conhecer essas experiências e refletir a partir dos caminhos trilhados por esta pesquisa permitiu tecer algumas reflexões sobre as ausências e breves presenças sobre Brasília, cidade da qual, eu como autora e mulher, escrevo, observo, caminho e percebo, que impulsionou construir o terceiro estudo de caso, uma breve análise da história da construção da capital e sua relação com as mulheres.

A tessitura do trabalho busca evidenciar as formas discursivas e materiais que se dão sobre as mulheres, seu apagamento histórico, a luta por sua recuperação, as histórias vividas e os reflexos na divisão sexual do trabalho. Para Saffioti (2015) desigualdade de gênero é construída por meio das estruturas de poder, pelos agentes sociais e por tradições culturais. E assim como o gênero é uma classe que estrutura a sociedade há outras também importantes para análise que se relacionam: social e racial.

Assim, a pesquisa busca adotar também como método a interseccionalidade que pode ser compreendida de acordo com Akotirene (2019) como uma lente analítica que considera quais são as condições estruturantes que atravessam os corpos, a inseparabilidade estrutural do sistema com o racismo, capitalismo e patriarcado,

evidenciando que as mulheres negras são reiteradas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe. Ou seja, “o cruzamento do racismo e sexismo geram vulnerabilidades e ausência de seguridade social para as mulheres” (AKOTIRENE, 2019, p. 63).

Na sequência são apresentados os estudos de caso, que seguindo o movimento do WT se colocam como um exercício de caminhar e aprender com o que as experiências dialogam.

## **2.1 Caminhando com Suzana Veiga e conhecendo Recife/PE**

Suzana Veiga com sua experiência de professora relata que um caso a marcou e instigou: estudantes que nunca conheceram a parte histórica de Recife e que moravam relativamente próximo. A historiadora e turismóloga argumenta que esse movimento de vivência com os locais históricos da cidade pode ser mais comum para pessoas de classe média a alta, e também de pessoas que já habitam esses bairros históricos, fazendo com que assim para a periferia seja mais difícil essa aproximação.

Contudo, essa ausência não se limita a apenas questões de classe no aspecto material, como exemplificou a partir do caso do Museu do Trem, que é um espaço gratuito, mas que muitas pessoas não visitam. Suzana acredita que isso está incluído nas questões não ditas, que mesmo acessível é interditado no sentido do poder simbólico que esses locais invocam na compreensão de fazer parte da elite. Aproximar as pessoas de comunidades para esses locais, reconhecidos como patrimônio, ajuda a desmistificar essa problemática, se apropriar do espaço e reconhecer de alguma forma sua história e memória no local, retirando essa interdição.

Essa questão de as pessoas conhecerem mais sua cidade, sua história e os patrimônios foi muito inspirada por sua vivência na Europa, como a estadia em Portugal. Quando residente na cidade do Porto, Suzana fez um *tour* que falava sobre o monumento de Camilo Castelo Branco, escritor português, famoso por suas histórias de amor, mas que nunca se menciona sobre essas mulheres, e nesse *tour* o foco foi esse a partir do ponto de vista das mulheres. Em Londres ela também conheceu esse movimento de WT feminista, apresentando a cidade numa perspectiva do olhar feminino.

Com isso, Suzana elaborou primeiramente o projeto como um *Tour* voltado para conhecer a história da cidade possibilitando a aproximação das pessoas aos espaços urbanos. Quando abordava a questão sobre a comunidade judaica, evidenciava a questão

das mulheres, mas ainda sem o foco na história das mulheres. Por falar do judaísmo, a comunidade judaica e sua relação com a cidade de Recife, seu público nas oportunidades era bem diverso, mulheres, crianças, adolescentes e pessoas ligadas à comunidade religiosa, como evangélicos. Isso possibilitou que Suzana dialogasse com um público amplo e para manter essa perspectiva do público diverso, como pessoas de comunidades, mais velhas. Assim, Suzana pensou estrategicamente em falar da história das mulheres no seu projeto, de forma mais específica, e não trazer evidentemente a questão do feminismo, para assim não afastar as pessoas, dado o próprio preconceito à palavra “feminismo”.

Essa aproximação com as comunidades religiosas, Suzana acredita ser muito importante por fazer diálogos, já que muitas igrejas se aproveitam do medo e da demonização quando se trata de assuntos diferentes da percepção cristã como as representações da cultura afro. Suzana argumenta que a experiência do WT é possível aproximar essas pessoas de referências que já conhecem com outras que ainda estão numa percepção preconcebida, desmistifica, e possibilita ressignificar, retirando essas interdições, de que não existe local que não possa ir e não poder se relacionar com sua história e memória.

O projeto “Na rota das Mulheres na História”, especificamente analisado pela pesquisa, alinha o turismo ao aspecto da questão de proporcionar lazer, algo tão negado a mulheres, sua proposta é de realizar um passeio recreativo com a história da cidade que possibilitasse não só trazer informações e conhecimentos, mas que estimulasse reflexões sobre o espaço urbano, o que é preservado, o que não é, qual conexão da história pessoal do indivíduo com a história da cidade, dialogando então com patrimônio, história e turismo na perspectiva da história das mulheres.

Na rota do WT, proposta por Suzana, o percurso é feito por caminhada pelo centro da cidade de Recife, respeitando os diferentes condicionamentos físicos do público. No trajeto ela apresenta a área do centro, como os bairros da Boa Vista, que hoje representa o centro comercial. Esse bairro é considerado um dos primeiros que Recife começou a se expandir, a partir do bairro histórico “Recife Antigo”, que têm sua história construída a partir do porto e do crescimento urbano, proporcionado pela chegada dos holandeses e portugueses. Aos domingos, normalmente, o roteiro começa no Recife Antigo e finaliza na Boa Vista. Aos sábados realiza o caminho inverso. Na figura 1, Suzana compartilha o dia que realizou esse *tour*.

**Figura 1** – Suzana com seu grupo apresentando o "Na rota das Mulheres na História"



Fonte: Suzana Veiga, 2022.

Focando no Centro, Suzana apresenta a relação do espaço público com algumas mulheres que viveram na região, como a Praça Macial Ribeiro, núcleo da comunidade judaica, onde Clarice Lispector morou por lá antes da família se mudar para o Rio de Janeiro. Há inclusive uma estátua dela nessa praça. Isso, da memória ser representada por algo concreto, é escasso. Há muito apagamento, com alguns pontos específicos apenas se referindo à memória feminina, como Suzana argumenta. Na figura 2 é possível observar esse momento do *tour* de Suzana ao apresentar a Praça Macial Ribeiro, no bairro da Boa Vista.

**Figura 2** – O grupo no bairro da Boa Vista/Praça Maciel Ribeiro



Fonte: Suzana Veiga, 2022.

A Sede do Governo, Palácio do Campo das Princesas, também é apresentado por Suzana, local do palco da Revolução Pernambucana de 1817, com caráter republicano, liberal e separatista, sua memória está associada aos homens, a guerra e batalhas. Mas Suzana aponta esse espaço como parte das mulheres que participaram da revolução, mencionando Barbara Alencar, que foi presa, mesmo sendo uma mulher considerada da elite na época.

Suzana apresenta também o *Chantecler*, prédio histórico de Recife, funcionava antigamente como clube noturno, socialmente reconhecido por um lugar de prostituição e casas de jogos, sua memória está relacionada aos homens, políticos que faziam suas reuniões, festas e iniciações sexuais. Mas que nada se fala sobre a vulnerabilidade social das mulheres que trabalhavam ali e tampouco das artistas e cantoras que se apresentavam nesse local.

Suzana mencionou nesse momento da entrevista que tem uma amiga que é arqueóloga e realiza uma pesquisa pelo cemitério, apontando o apagamento das mulheres até mesmo na hora da morte. Suas lápides normalmente fazem menção ao papel social que desempenham na família, comumente são enterradas no grupo familiar, enaltece-se características do comportamento atrelado à feminilidade. Esse apagamento, como Suzana argumenta, é na vida e na morte, literalmente, pois dificilmente encontram-se marcos na cidade que se referem as mulheres.

O WT proposto por Suzana Veiga aborda essa problemática da história das mulheres, quando se analisa os espaços urbanos e a memória feminina é negada, fala-se mais sobre uma história de ausências, como não há locais que possuem esse marco histórico, refere-se ao apagamento. Suzana guia por esses locais históricos de Recife mesmo sem a presença de alguns marcadores materiais, apresentando as mulheres que ali estavam sendo sujeitos da história e que tem sua memória sendo constantemente negada. Propõe-se uma reflexão sobre a preservação de qual tipo de memória se enaltece, sobre identidade, higienização social dos espaços e aborda-se o patrimônio como parte da memória e identidade ao ressignificar os locais.

Suzana fala sobre a importância de democratizar o acesso a esse tipo de saber a mulheres, principalmente, mulheres habitantes da periferia, para que elas sintam de alguma maneira que a cidade também as pertence, que podem encontrar histórias e memórias que se identifiquem, que façam parte da sua trajetória. Por isso, com o objetivo de atrair esse público, os passeios que Suzana oferece são pagos, dentro de um valor acessível, mas ela também considera expandir oferecendo transporte e alimento para as mulheres das periferias não disporem de muitos gastos financeiros.

Um marco, posterior a esse WT, que marcou Suzana foram as adolescentes negras que, ao final do percurso, conversaram com ela sobre se sentirem mais próximas da história da sua cidade, porque, antes, sempre sentiam e percebiam que a cidade era negada a elas, os espaços urbanos não as incluíam, e ao conhecer essa outra história, do movimento negro pelas mulheres, possibilitou se apropriarem e se fazerem parte desse espaço urbano. Suzana argumenta que a história das mulheres impacta todas as mulheres, mas é mais negada principalmente às pessoas negras.

A historiadora e turismóloga fala também sobre a necessidade de serem realizadas outras ações estratégicas, no sentido de política, pela sua vivência com mulheres engajadas no movimento de aprender. Suzana acredita nessa multiplicação de núcleos, fazendo redes. A política que se refere não é necessariamente partidária. Acredita numa proposta diferente de transformar a sociedade e da educação como fio condutor, trabalhando as bases com formação política histórica, com as mulheres, para ter uma força de demanda e, conseqüentemente, fazer pressão sobre a elaboração de políticas públicas. O território não é negado apenas às mulheres do espaço urbano, mas também à quilombolas e indígenas.

Colocando nossa voz dentro de espaços de construção de políticas públicas, ecoa-se em várias áreas, como se percebe na história de mulheres mais empobrecidas, dentro

do âmbito do turismo predatório, cuja exploração do trabalho e sexual, as tornam ainda mais vulneráveis. Políticas públicas transformam relações que não se relacionam apenas no âmbito do turismo, mas também na forma como se relacionam com o patrimônio. Essa proposta, conforme Suzana, está sendo considerada como um processo aberto, ainda em elaboração com as mulheres.

Ao final da entrevista, Suzana leu um trecho do livro de Rita Segato, intitulado “Crítica da colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda do povo”, sobre como se compreende o povo da América Latina. Tendo uma partilha do passado comum e futuro em comum, apesar dos conflitos internos, o povo é o projeto de uma história compartilhada. Suzana faz um paralelo com a história das mulheres e o feminismo, que mesmo tendo diferentes pontos de vista dentro do feminismo. Apesar disso, temos um passado em comum, quando mostramos essa história, o sentimento de união nasce de forma espontânea, ao compartilharmos algo e de querermos uma sociedade diferente, caminhamos para um futuro em comum. Suzana Veiga finaliza com essa fala:

*Não precisamos pensar necessariamente de forma igual, mas partilhamos desse passado que demanda construir um futuro juntas, apesar de nossas diferenças. Possibilita uma liga que não é algo feito de maneira imposta como a identidade brasileira, é algo mais espontâneo, nasce do diálogo, do resgate de uma memória coletiva e do afeto. Não há pensamento revolucionário sem afeto, principalmente quando fomos colocadas por séculos e milênios sendo levadas umas contra as outras (fala de Suzana Veiga, entrevistada no dia 05 de abril de 2022).*

## **2.2 Caminhando com Adriana Jackson e conhecendo Rio de Janeiro/RJ**

Adriana Jackson relata que o trabalho que realiza demanda muito estudo e compromisso. Usa como maiores fontes de referências os livros, como o da historiadora Mary Del Priore. Na entrevista ela foi relatando como são seus roteiros e a relação que faz com a história das mulheres. Os roteiros que Adriana elabora não tem foco no público feminino, pode participar homens, mulheres e crianças.

No caso do roteiro do grafite o foco são as artes de rua, Adriana gosta de provocar a percepção dos turistas ao perguntar “onde está o espaço das mulheres aqui?”. Percebe-se que a maioria das artes de rua é feita por homens. Já no roteiro das mulheres na história do Rio, Adriana busca se utilizar de várias referências como, por exemplo, os prédios, o percurso que se inicia na praça XV de Novembro, já perguntando para as pessoas que estão fazendo o roteiro, principalmente para as mulheres, se elas sentem que suas vozes

são respeitadas no ambiente do trabalho, da família e faz a mesma pergunta para os homens.

A praça XV é um local histórico do Rio de Janeiro, foi o primeiro porto que a família real chegou e também desembarcou os navios com os escravizados. De um lado se vê a baía de Guanabara, onde os navios chegaram e onde também os indígenas viviam. Do lado esquerdo tem o paço imperial, local da primeira casa da família real. Nesse lugar Adriana já faz uma divisão falando das mulheres oprimidas e também de mulheres que, de alguma forma, reproduziam alguma opressão, pois eram integrantes da família real. Ela ainda argumenta que precisamos nos questionar, que mulheres são essas e qual impacto que elas têm e propõem, de positivo ou não.

A partir da caminhada Adriana vai perguntando se alguém percebeu algum nome de mulheres nas ruas ou em alguma placa ou algum busto feminino, e não se acha. O *tour* dura por volta de duas horas e trinta minutos. A conclusão no final do percurso é que Adriana consegue listar e apresentar muitas mulheres que ali viveram e participaram da história. Além de pontuar a inexistência dos marcos na cidade, que as valorizem. Adriana, quando passa na frente de alguma instituição bancária, apresenta nesse *tour* Eufrasia, a primeira mulher brasileira a ficar milionária com ações. Uma mulher considerada de elite na época, mas que Adriana não deixa de mencionar também que era uma mulher escravocrata. A guia de turismo também faz um paralelo com o presente, para demonstrar que os reflexos da história do passado ecoam no presente, por vezes de maneira positiva como nesse caso, ela menciona a Nath Finanças, mulher negra, orientadora financeira e formada em administração de empresas, que tem como missão de ensinar educação financeira de maneira prática para quem não entende do assunto, por meio do seu canal do *youtube*.

No roteiro das mulheres no Grafite, Adriana questiona os participantes como é sua relação com as artes, inclusive a questão da cozinha, do elaborar alimentos, e normalmente as mulheres apresentam muito mais experiência nessa questão desde cozinhar a artes manuais a que os homens. E nisso, Adriana propõe a reflexão de que se as maiorias são as mulheres que estão na arte, porque consumimos tão pouco arte de mulheres como a literatura feminina ou de filmes dirigidos por mulheres.

No roteiro das mulheres na história do Rio, passando pelo Arco do Teles, Adriana conta a história da bruxa do Teles e da questão dos adjetivos que nós, mulheres, somos tratadas, como a Dona Maria Primeira, conhecida como louca. Hoje em dia, pesquisadoras apontam que na verdade ela não era louca, tinha depressão. Como esses

adjetivos têm um peso histórico sobre as mulheres, Adriana propõe essa reflexão a partir do que ela considera uma grande conversa, uma troca, onde as percepções dos participantes e os reflexos dessa história no presente possibilitam uma proximidade, como se pode observar na figura 3.

**Figura 3** – Com clientes no *tour* *Madureira é Delas*



Fonte: Adriana Jackson, 2022.

No roteiro que fala sobre Chiquinha Gonzaga, Adriana percebe que muitas pessoas sabem mais sobre a vida pessoal da cantora do que sua vida profissional, então a guia de turismo foca mais no aspecto profissional. Durante o percurso, a guia mostra que Chiquinha foi fundadora de uma sociedade que cuidava dos direitos de artistas que não existiam na época. As reações das pessoas que fazem esse roteiro, normalmente, são de perceberem uma outra Chiquinha Gonzaga.

Adriana também propõe um roteiro sobre a história do voto feminino. Como ouvimos muito falar sobre Bertha Lutz, mulher que fazia parte da elite, mas não ouvimos

falar sobre Leolinda Daltro, que era uma professora que lutou pelo voto feminino e afrontava justificativas como as do “porquê mulheres não poderiam votar já que não participavam de guerras”, e Leolinda que ensinou para suas alunas esgrima. Foi Leolinda também que criou o primeiro partido feminino do Brasil, e não se fala sobre ela, seu nome aparece apenas na escola onde lecionava.<sup>2</sup> A guia de turismo também apresenta nesse roteiro a história do brigadeiro e a relação com o voto feminino, uma história pouco conhecida para a relevância desse doce na cultura brasileira.

Adriana argumenta que sua motivação vem da curiosidade de saber quem foi a primeira mulher a realizar tal coisa. É o que a instiga a buscar informações, pois considera que têm muita história que não conhecemos e esse apagamento é realmente visível, que ainda persiste nos locais urbanos.

Dentro de sua formação no curso de guia de turismo Adriana já gostaria de trabalhar com esse foco da história das mulheres, porque era aparente em sua percepção esses apagamentos nos roteiros, não se ouve sobre as mulheres e até mesmo pelo peso histórico que a cidade do Rio de Janeiro tem. Não se fala sobre a presença feminina na construção histórica da cidade, não se ouve muito os nomes femininos. O destaque mais sempre recai sobre os homens. Contudo, dentro do próprio curso, Adriana já percebia que causava incomodo esse tema, e ficou se perguntando como poderia trazer isso, sem parecer uma militante incessante, até porque ela já percebia que as pessoas não compreendiam a dimensão política que envolve a cidade e a vida nela presente.

Sua divulgação acontece principalmente pelas redes sociais por meio das plataformas do *airbnb* e do *instagram @tourdelas*. Seu público é muito afunilado. A grande maioria são estrangeiros, pesquisadores da área de gênero e o segundo tipo de público que a procura são turistas que não são do Rio de Janeiro. Devido à pandemia da Covid-19, Adriana se adaptou também realizando *tours online*, no qual expandiu seu público, mas ainda no presencial seu público permanece o mesmo perfil.

Adriana promove seu *tour* por muitos locais do bairro da Zona Norte, como Madureira, bairro que cresceu e mora. Tem uma ligação afetiva e, em sua percepção, apesar da importância histórica do bairro, a Zona Norte é desvalorizada. Os próprios cariocas não compreendem o subúrbio como ponto turístico, de acordo com ela, os

---

<sup>2</sup> A obra “O voto feminino no Brasil” da historiadora Teresa Cristina Novaes Marques (2019) discorre sobre essa época no país demonstrando fatos e curiosidades da história dos direitos políticos femininos, apresentando diversas mulheres e suas lutas como a de Leolinda, Bertha Lutz, Carlota Queirós, Celina Guimarães, Josefina Álvares de Azevedo, Júlia Barbosa e Nísia Floresta.

museus valorizados na cidade são os que estão na Zona Sul. Até mesmo as escolas desses bairros da zona norte reforçam isso, quando levam os estudantes para realizar passeios nesses locais. E, então, os locais históricos de patrimônio da Zona Norte, como do Bairro Madureira, ficam esquecidos, apagados e desvalorizados.

O objetivo da guia de turismo é despertar interesse e consequentemente valorização da história de seu bairro, ao apresentar locais de importância social, como se pode observar na figura 4. Sua proximidade com esses locais é afetiva e fica feliz ao mostrar isso para as pessoas. O espaço da foto 4 é um exemplo onde a guia apresenta os grafites, realizados em um concurso de poesia, que ela e a mãe dela participaram e tem suas poesias expostas.

**Figura 4** – Em frente ao único sebo de livros em funcionamento em Madureira e que é gerido por uma mulher, para o roteiro Madureira é delas



Fonte: Adriana Jackson, 2022.

Adriana utiliza muito das fotos e imagens da *internet* para apresentar ao público as pessoas que passaram por tais locais, como as matriarcas do samba, a fundadora da Portela que morou por ali. Segundo a guia, é importante mostrar esse contraste, de um local que tem essa relevância histórica, mas que não indica nada disso ou até mesmo não está em condições apresentáveis.

A guia de turismo tem como objetivo aproximar os próprios moradores da cidade do Rio de Janeiro para esses locais e, para isso, elaborou um projeto em parceria com outras mulheres, também guias de turismo. Mas Adriana reconhece que é difícil encontrar profissionais para estabelecer essas parcerias. A guia de turismo faz um paralelo com um tipo de turismo que vem se expandindo no Rio de Janeiro, o afro turismo, onde grupos de pessoas pretas tem o objetivo de engajar a própria comunidade. Esse fortalecimento, de acordo com ela, é difícil de realizar com as mulheres, porque raramente nos vemos como um grupo, pois há sempre a noção da rivalidade feminina.

O subprojeto dentro desse projeto, “Absorvendo a História Feminina” é uma parceria na qual realiza com outras mulheres profissionais guias de turismo com o objetivo de reverter parte total ou parcial da comissão, para o projeto de distribuição de absorventes para mulheres em situação de rua ou encarceradas. A parte da Adriana se compromete a ser totalmente revertida. Nesse projeto, Adriana percebeu que há muito o que se fazer. Não só envolvendo o turismo, mas também dialogando com outras áreas sociais. Na figura 5 Adriana compartilha o dia que realizou esse projeto.

**Figura 5** – Em frente ao mural da artista de Paula Alles no projeto Absorvendo a História Feminina



Fonte: Adriana Jackson, 2022.

A partir dessas experiências lideradas por Suzana e Adriana e das reflexões que foram instigadas, proponho esse olhar para a capital, Brasília, cidade da qual compartilho afeto e história familiar, com o objetivo de observar a presença histórica das mulheres na época da construção da capital, analisando o seu silenciamento e as breves formas de resistência. O próximo tópico então abordará esse contexto histórico sob a ótica da história das mulheres na capital, Brasília e seu emblemático momento da construção.

### **2.3 Por um movimento utópico a partir de Brasília/DF**

A partir de todos os caminhos percorridos aqui se traz a vontade de tentar, ainda que de maneira inicial, alcançar o último objetivo específico deste trabalho, o de questionar e fomentar narrativas feministas nos caminhos turísticos de Brasília, cidade da qual, eu autora tenho relação direta. Este movimento é colocado como utopia no sentido de mover para tentar alcançar, ainda que simbolicamente em reflexões.

Brasília, como sabido, é a capital do país situada no Planalto Central e foi construída entre 1956 a 1960 com o objetivo de transferir a capital para o interior, como previsto na Constituição de 1891. Uma cidade planejada por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, de uma arquitetura moderna com seu emblemático símbolo de um avião se vista por cima, de prédios com concreto exposto, suas superquadras organizadas formando uma padronização. Além de sua inovação arquitetônica, a história de sua construção erguida por muitos num objetivo comum fez com que Brasília fosse reconhecida e considerada Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO, desde 1987, e seu conjunto urbanístico-arquitetônico inscrito no Livro de Tombo Histórico pelo IPHAN.

Ribeiro (2005) argumenta que o presidente Juscelino Kubitschek (JK) utilizou muito em sua campanha para valorização da construção da capital a apologia ao novo mundo, que a nação voltada para o desenvolvimento derivaria um novo país. A arquitetura da nova capital vem do modernismo brasileiro, no qual se acreditava na possibilidade uma nova sociedade pela arquitetura e do desenho. Alinhada então com a ideia de um novo país desenvolvido e interligado pela construção da nova capital, no Planalto Central, essa utopia esteve no imaginário dos brasileiros.

A construção de Brasília foi a resposta para sair do atraso que o país estava, haja vista os reflexos coloniais do passado do país, como a precarização e o aspecto rural, que ficariam para trás com a construção da nova capital. Logo, tudo que seria compreendido

como atrasado precisou ser apagado, deixando suas heranças coloniais no passado. Importante também destacar a representação do discurso construído sobre o moderno em detrimento do atrasado, periférico, como forma de se estabelecer poder e hierarquias de dominação entre os países na escala global.

Curioso como apontam Jacques e Lopes (2018) é que algumas ações do presidente JK como a sua imagem de bandeirante em seu cartaz de propaganda eleitoral ainda logo no início das obras e a elaboração da primeira missa, que se remete muito a primeira missa do país após a colonização, evidenciam como o imaginário da violência do processo da conquista do Brasil ainda persiste. Sendo novamente os primeiros afetados nesse primeiro momento de implantação do país os indígenas, assim como os operários que também sofreram com esse processo ao terem uma rotina de trabalho exaustiva (JACQUES e LOPES, 2018).

Mas, a nova capital preencheria o vácuo do sentimento nacional, a modernidade iria chegar mais rápido ao interior do país e assim promoveria a integração. Com essa percepção de novas estradas e novos postos de trabalho, a história da construção de Brasília é permeada por nomes masculinos como presidente JK, os arquitetos Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, o paisagista Burle Marx e os candangos, os trabalhadores da obra, Bernardo Sayão, Ernesto Silva e entre outros nomes emblemáticos que são valorizados pela história. Esse protagonismo e glória relacionada à construção da capital pertence aos homens, quase nenhuma mulher é mencionada durante esse período, as que são mais lembradas são Sarah Kubistchek e Júlia, respectivamente esposa e mãe do presidente JK. E, assim o imaginário que permeia essa história é como se não houvesse nenhuma mulher que participou também desse processo de construção da nova capital (FONTENELE, 2017).

O processo de apagamento e silenciamento das histórias que não correspondessem ao discurso universal da construção de Brasília invoca essa dialética, de acordo com Jacques e Lopes (2018), de como as pessoas que não foram acolhidas para se estabelecerem na capital que construíam, ao mesmo tempo que erguiam a cidade moderna, também levantavam fundações para sua moradia ao redor da modernidade, cuja desordem e abandono eram presentes. Ou seja, o atraso coexistia com a modernidade. Contudo, esse lado da história que não conduzia com o discurso funcionalista da construção da nova capital foi apagado, esse tipo de atraso, silenciado, ainda que fosse incentivado pelo próprio governo, como a Campanha de Erradicação de Invasões (CEI)

criada em 1970, resultou na expulsão de toda essa população excedente do Plano Piloto para as “cidades satélites”.

Para Nunes (2005) Brasília foi erguida com um objetivo, com sua marca de ser a capital e focada para abrigar primeiramente a classe média de funcionários públicos, por isso a cidade apresenta uma não história anterior. Essa falta de vínculo prévio que fez e faz com que os moradores vivenciem sua história a partir do presente, sem uma percepção do passado, não há memória, que até certo ponto influencia um sentimento de identidade. Para saber quem nós somos, precisamos olhar de onde nós viemos. Essa falta de memória da cidade produz a dialética entre sonhos e realidade, principalmente quando se analisa a desigualdade perceptível nesse território, que se estende ao lugar do simbólico.

De acordo com Scarlato e Costa (2018) Brasília não possui um centro fundador que se remete aos seus primeiros habitantes, nenhum material arqueológico que se faça evidência como centro de estabelecimento. “Brasília surge como uma cidade vazia, ela própria ávida por ocupação” (SCARLATO; COSTA, 2018, p. 14-15). Em sua pesquisa Wesely e Kim (2010) apontam que a presença humana no cerrado data a aproximadamente onze mil anos, a partir dos recursos naturais que possibilitaram o estabelecimento da cultura indígena do grupo macro-jê, que travaram grande resistência contra os colonizadores portugueses, e nada dessa história é mencionada, quando se analisa o discurso universal sobre a construção de Brasília. Há o apagamento de história, memória e cultura das pessoas que habitavam esse local antes da fundação da nova capital.

Um olhar mais amplo sob a história de Brasília tem uma peculiaridade que demanda um trabalho complexo das fontes históricas, pois antes da construção da nova capital, o espaço era considerado Goiás. As histórias desses dois territórios se confundem e que envolvem perdas não apenas materiais, como o caso de desapropriação das terras, mas também afetivas com o vínculo da terra. Apesar de o discurso dominante argumentar que naquele lugar não havia nada, cujo objetivo era a modernidade ocupando espaço do vazio o fato da criação da Comissão de Cooperação para realizar esse trabalho de desapropriação de terras, demonstra que havia sim pessoas a serem desapropriadas, sendo uma tarefa difícil e primordial para o início da construção (FARIAS, 2006).

Isso possibilita revelar as ausências que envolvem a construção da nova capital, invoca as vidas que habitavam esse território e que não sabemos seus nomes, que lutaram, que construiriam essa outra história, inclusive das mulheres que também estavam presentes, resistindo.

A história de acordo com Hobsbawm (1997) deve estar a serviço das pessoas que somente entraram nos registros oficiais como nascimento, casamento e morte. Uma sociedade que possibilite um propósito de vida que valha a pena ser vivido deve se voltar a essas pessoas abrindo espaços e propósitos para elas, um mundo que se curva a apenas ao benefício pessoal de uma minoria dominante, não deve ser um mundo positivo e precisa ser limitado.

De acordo com Nunes (2005), quando se olha a diferença do Plano Piloto, área central do tombamento, e as Regiões Administrativas (RAs), locais que abrigaram a maioria dos operários que ajudaram construir Brasília. Mais do que a desigualdade nas condições materiais, que não se difere muito da mesma dualidade do Leblon com a comunidade da Rocinha, por exemplo, é no sutil que a violência simbólica atravessa os moradores da capital. A própria rigidez do tombamento do Plano Piloto não abre espaço para vivências espontâneas, a apatia de alguns moradores que reconhecem a importância do lugar que habitam, sendo objeto de preservação e a estima de ser a capital, sabem que aqueles aspectos materiais estarão garantidos.

Grande parte então dessa população não se envolve com as questões sociais, políticas, porque já julgam que a qualquer problema serão atendidas. Diferente da realidade dos moradores das outras RAs. Isso evidencia que a valorização da conservação da área de Brasília e seu tombamento, quando essa ainda era tão jovem, não se limita a materialidade, se preserva também a história do discurso dominante, a narrativa dos vencedores e reverbera na lógica da cidade (NUNES, 2005). Ou seja, a história da construção de Brasília apresenta lacunas que possibilita interpretações das questões sociais sendo refletidas pela política, que atravessa o passado e reflete no presente.

O apagamento da história das mulheres na construção de Brasília pode ser compreendido de acordo com Fontenele (2017) como reflexo das relações sociais de gênero, a normalização da não presença feminina em espaços masculinos. Contudo, para que esses homens estivessem trabalhando, toda uma ordem social foi provida por mulheres, apesar de serem em menor número do que os homens na época da construção da nova capital, elas estavam ali presentes, Brasília possui uma dívida histórica com essas mulheres, que também sacrificaram muito para a materialização desse sonho.

Como o caso do concurso de professoras para seleção de todo o país, que oferecia um salário mais alto do que outros locais, possibilitando as mulheres saírem de suas casas e terem a oportunidade de conquistar sua independência econômica e social. Ao chegar num local considerado no “meio do nada” rompe-se com a noção preconcebida do espaço

da mulher ser o doméstico, pois teriam autonomia e vivência num espaço público. Os casais que criaram seus filhos nessa época, não tinham apoio da família e muita estrutura disponível, contava-se então com a solidariedade e ajuda mútua, observa-se que uma rede social diferenciada foi se constituindo nesse momento. Além de que o universo simbólico de identificação nacional, do projeto de um novo país, era reconfortante ao atravessar solidão e dificuldades (FONTENELE, 2017).

Ainda que houvesse movimentos sociais diferentes, alguns padrões políticos se repetiam durante a construção da capital. O trabalho desenvolvido por Silva (1995), em sua tese de mestrado: “Mulher: ‘Pedra Preciosa’: prostituição e relações de gênero em Brasília (1957-1961)”, aborda a questão da prostituição na época da construção da capital e no ano seguinte a sua inauguração. Essa pesquisa tem seu caráter relevante por ser a primeira a falar dessa temática, na qual a autora investiga a questão do silenciamento das fontes oficiais sobre essas mulheres. Seu trabalho invoca muitas problemáticas acerca dos possíveis motivos desse apagamento, relacionando a situação vulnerável dessas mulheres com a consequência social desse silenciamento, onde há histórias que merecem serem contadas e outras não.

Uma das hipóteses da autora é a responsabilidade do governo sobre essa situação, um possível incentivo da parte do Estado por verem essas mulheres como forma de “válvula de escape” para os trabalhadores e assim garantir manter o ritmo acelerado das obras. Apesar dessa pesquisa ter sua limitação por ser descrita principalmente a partir da ótica masculina, não há acesso aos depoimentos dessas mulheres. A destacar, a autora é enfática em seu posicionamento em relação à prostituição ser uma violência contra a mulher (SILVA apud VIEIRA, 2017).

Ainda que as conquistas sociais das mulheres naquela época eram escassas de acordo com Fontenele (2017) o que predominava era a representação social tradicional ligada à família e ao espaço doméstico, para muitas mulheres a construção de Brasília possibilitou uma quebra de padrões, como o quanto estiveram presentes no processo de implementação da cidade.

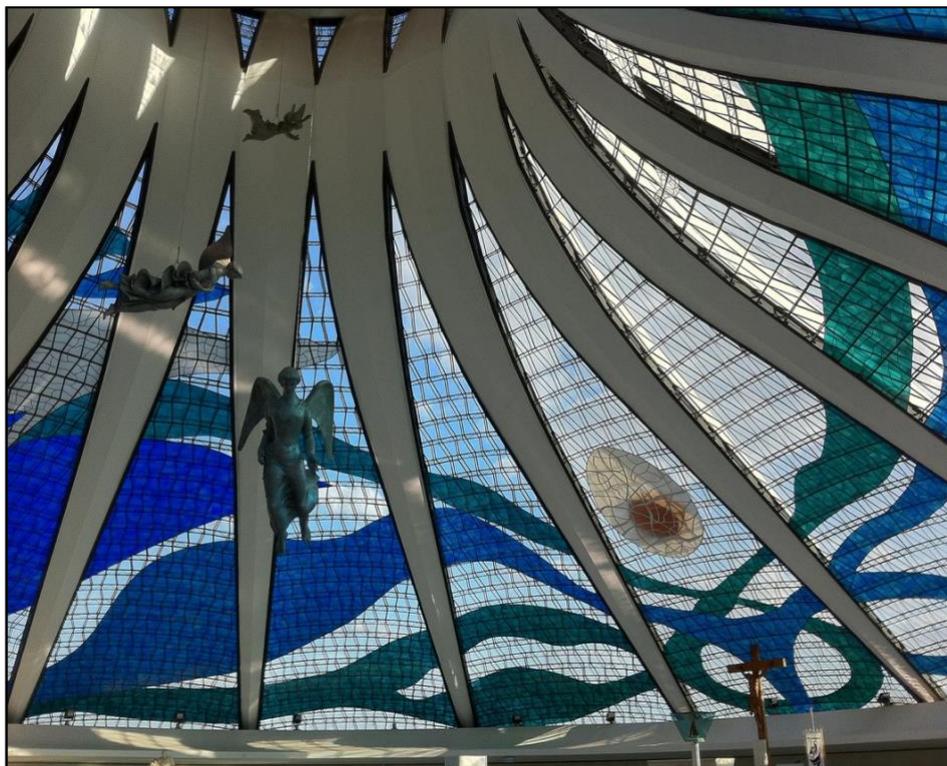
Resgatar esse olhar das mulheres sobre os fatos históricos da cidade possibilita uma história das mulheres de Brasília, uma história revisada, que amplia os horizontes da memória social. Contudo, é importante ressaltar, como esse apagamento da história das mulheres de Brasília se apresenta nos discursos oficiais como em museus, como Pereira (2018, p. 7) demonstra ao analisar o Museu Vivo da Memória Candanga:

Apesar da ausência de menções as mulheres que estavam na capital em construção, ao longo da exposição há ainda algumas fotografias em que é perceptível a presença das mulheres, estas se localizam em sua maioria no módulo “Cidade Livre”, as legendas dessas fotografias, no entanto, seguem o padrão de identificação que não informam nada sobre as pessoas ali retratadas, que não resgatam suas memórias e não relatam suas narrativas.

E o peso desse apagamento recai em formas diferentes na memória da comunidade negra, principalmente na presença e vivência da mulher negra. Conforme Cardoso (2018) analisa, mesmo que em alguns textos jornalísticos de um determinado contexto histórico relacionado à época da construção de Brasília apresente breves menções às mulheres, essas eram apresentadas como brancas, de classe média e casadas. Não havia espaço para as mulheres negras. Em sua pesquisa Cardoso (2018) ainda evidencia a presença dessas mulheres no contexto de luta por moradia, saúde e educação.

Quando se analisa essa história de apagamento das histórias das mulheres e outras histórias na construção de Brasília, compreendem-se os reflexos nos monumentos que fazem mais menções aos operários, ao presidente, e as obras de Niemeyer e Lúcio Costa. Pouco se fala sobre Marianne Peretti, a única mulher a fazer parte da equipe do arquiteto Oscar Niemeyer e responsável pelos vitrais da Catedral Metropolitana de Brasília. A figura 6 apresenta esse monumento, reconhecido como um dos mais importantes para moradores e turistas.

**Figura 6** – Vitrais da Catedral Metropolitana de Brasília



Fonte: Mariana Heinz, 2016.

Contudo, há movimentos de retomada da memória e atuação dessa artista como em 2016, por meio da mostra “A Arte Monumental de Marianne Peretti”, exibida no Museu Nacional da República. Ainda são necessárias mais ações desse tipo para trazer à tona esses e tantos outros nomes que foram perdidos na época da construção da nova capital e mesmo antes desse momento para termos mais compreensão da história de Brasília.

O poeta Nicholas Behr (2014) evidencia que o termo “candango” muito utilizado para se designar os operários que construíram a nova capital e sua história de migração no início era um termo pejorativo, considerado o peão, já se estratificava uma diferenciação entre os operários, aqueles que colocavam a mão na massa, trabalhadores braçais, os candangos. E os pioneiros, os letrados e doutores, que ganhavam muito financeiramente pela transferência da capital.

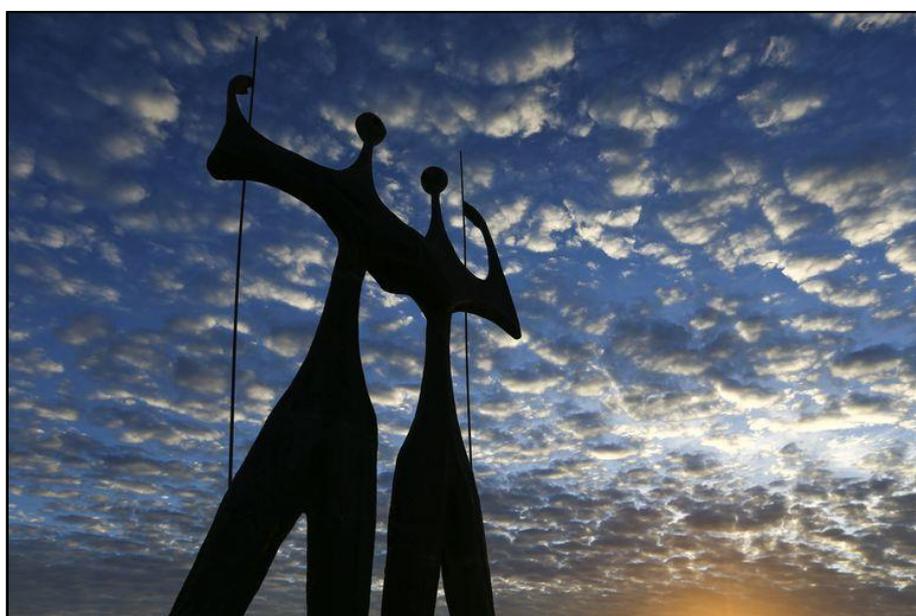
Ainda nessa distinção tem a característica racial, normalmente os candangos eram pessoas negras nos quais o título de pioneiros como status de trabalhadores iniciais foi negado. E, quando se analisa a categoria de mulheres, a elas não era atribuído nem o termo como candangas ou pioneiras, ainda que fossem mulheres que trabalhavam na construção civil ou mulheres que também tiveram a mesma coragem dos homens para

desbravamento. O trabalho delas é considerado como secundário, isso explica por que quando aparecem em estudos que tem como foco a história da cidade, não são nem nomeadas, tampouco com tais termos (CARDOSO, 2018).

Santiago (2019) argumenta que por si só a questão da representação dos candangos na historiografia oficial, com o apagamento das mulheres também trabalhadoras e migrantes, é a evidência do patriarcado. E, de acordo com a autora falar dessa história das mulheres numa sociedade patriarcal é um ato político.

Há um monumento na área central de Brasília, na Praça dos Três Poderes, que faz menção a esse imaginário social predominante dos candangos, como se pode observar na figura 7.

**Figura 7**– Monumento dos Dois Candangos



Fonte: Marcelo Camargo, 2021.

Brasília concentra a sede política do país, seu centro é emblemático pelos prédios que representam os três poderes, e um dos reflexos desse apagamento da história das mulheres reforça a ideia que os espaços que as mulheres devem ocupar são o doméstico ou que tenham pouca visibilidade. A saber, em 2016, mais de 55 anos depois da inauguração do prédio do Congresso Nacional em Brasília, foi reformado o banheiro que antes era apenas masculino para divisão e abrigar assim o banheiro feminino. Antes as doze senadoras tinham de deixar o plenário para usar o banheiro do restaurante ao lado. Isso evidencia o reflexo da baixa participação política desse grupo nos locais de decisão, que está relacionado com o discurso predominante de apagamento histórico das mulheres.

### 3.0 PERCEPÇÕES A PARTIR DOS CAMINHOS DAS ENTREVISTAS

Ao analisarmos um bem patrimonial é necessário compreender sua totalidade, que é preenchida em suma por sua história e sua relação com a cultura. A educação patrimonial alinhada com o turismo é uma forma de integrar esse conhecimento de maneira lúdica, didática e prazerosa. Oferecendo assim uma ótica fora do seu comum, experimentado pela rotina, estimulando a vivência do fato em si com aproximação da pessoa com a história e cultura do lugar. A relevância desse tipo de atuação é significativa já que pode possibilitar reflexões, mudanças nos pensamentos e no sentir a cidade, como uma forma de conscientização que agrega valores e acrescenta informações em vácuos (SILVEIRA, 2003).

De acordo com Costa (2009), a apresentação do todo deve ser mais valorizada, não importando muito quanto uma parte específica seja, o ideal é selecionar as características especiais que deseja destacar relacionando com as preferências dos visitantes, para permitir visão global do objeto interpretado e, assim, possibilitar uma inclusão que não se só restringe ao ato físico, mas ao proporcionar experiências novas e especiais.

Sobre a educação patrimonial, Medeiros e Surya (2009) definem que:

A educação patrimonial trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. Significa tomar os objetos e expressões do patrimônio cultural como ponto de partida para a atividade pedagógica, observando-os, questionando-os e explorando todos os seus aspectos, que podem ser traduzidos em conceitos e conhecimentos (DE MEDEIROS e SURYA, 2009, p. 6).

Esse processo para Medeiros e Surya (2009) possibilita uma alfabetização cultural, o indivíduo compreende melhor o mundo a sua volta, estimula o senso crítico a partir de uma leitura sociocultural e a percepção da trajetória do espaço tempo que habita, se conectando com outras histórias. Dessa apropriação consciente, fortalecem sentimentos de identidade e cidadania com a valoração de sua cultura e a percepção da diversidade abre caminhos para o respeito. Ou seja, compreender o patrimônio como bem público não é suficiente para integrá-lo na sociedade, sem as pessoas conhecerem seu valor histórico cultural e o motivo de preservá-lo.

Suzana sempre instiga a reflexão nos *tours* que realiza ao perguntar por que se tem tanto patrimônio depredado, pichado, e induz que é justamente por esse distanciamento das pessoas que possibilita esses tipos de ações. Quando se tem educação

patrimonial, há uma aproximação. A pessoa reconhece aquilo como parte da sua história e memória e, conseqüentemente, valoriza a importância de sua conservação de acordo com ela.

O distanciamento, a partir da compreensão do algo comum, não ter um dono específico, é reflexo de ações individuais que seguem interesse próprio, que ocasionam a destruição do espaço público e da coletividade. Uma política de meio ambiente ideal focada no conjunto da sociedade estaria alinhada além da questão da sobrevivência, mas também com a da qualidade de vida. Para isso precisamos recriar o sentido e destino do que compreendemos como público (PÁDUA, 1989). “O principal objetivo da preservação do patrimônio cultural é a melhoria da qualidade de vida da comunidade, que implica em seu bem-estar material e espiritual e na garantia do exercício da memória e da cidadania” (DE MEDEIROS e SURYA, 2009, p. 8).

Nessa perspectiva é possível analisar os trabalhos realizados por Suzana e Adriana, que aproximam as pessoas com a cidade e suas narrativas históricas, refletidas nos bens patrimoniais. Com o foco na questão da história das mulheres, os WT possibilitam uma reflexão crítica sobre o tema e os espaços que as mulheres ocupam no espaço urbano e busca instigar a questão da coletividade e o apagamento de memórias femininas, os reflexos do passado no presente, relacionando histórias individuais e sociais.

Suzana e Adriana evidenciam nas suas entrevistas a importância do papel da escola como mediador dessa forma de aproximação da pessoa com os patrimônios e a cidade. Suzana apresenta um relato pessoal de sua memória de infância cujo passeio que a escola fez ao sítio histórico de Olinda, como fator importante para a construção de sua identidade e apropriação da sua cidade e do seu estado, a partir da visitação desses locais históricos. Nesse relato pessoal é importante ressaltar a presença da escola como forma de aproximação das crianças com a cidade, com a história, alinhando-se com a educação patrimonial, criando momentos que acompanham as memórias afetivas da vida e de formação de cidadania.

Adriana compartilhou suas inquietações sobre o movimento das principais escolas do Rio de Janeiro em não valorizarem os locais históricos da Zona Norte e promoverem uma aproximação dos alunos apenas em áreas reconhecidas, como pontos turísticos. Nesse sentido, ela busca fazer resistência a isso, ao se dispor como parceria voluntárias com as escolas, reconhecendo a importância dos passeios escolares realizados com o objetivo de aproximar as crianças com o espaço urbano e, atualmente, tem trabalhado

junto com um professor de história para fazer esse reconhecimento histórico do Bairro de Madureira, nos locais da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Uma de suas falas no momento da entrevista, em tom de brincadeira, colocava que as pessoas da Zona Norte, incluindo ela, são como museus, guardiões dessa história e memória que são apagadas.

Suzana, em uma das suas falas durante a entrevista, aponta que o objetivo do seu projeto é chegar até as mulheres, principalmente da periferia, já que muitas delas têm o acesso negado ao lazer. Uma pesquisa realizada por Bonalume e Isayama (2018) evidencia que apesar de que das mulheres entrevistadas reservarem o ócio para as férias, muitas não sabem o que fazer com esse tempo livre, provavelmente por não o vivenciar. E, por isso apontam o desejo do turismo como forma de usufruir esse tempo livre.

Os resultados da pesquisa de Bonalume e Isayama (2018) demonstram a ausência de recursos financeiros como principal fator de não vivenciar as atividades consideradas como lazer. Posteriormente a falta de tempo, em conjunto com a escolaridade, a questão racial e a posição na classe social evidencia que grupos sociais com melhor acesso à educação, com restrição de divisão das responsabilidades domésticas e maior poder aquisitivo sentem menos a falta de recursos financeiros, em contrapartida alegam mais a falta de tempo.

Tanto Suzana e Adriana invocam em seus projetos a questão da coletividade, principalmente do reconhecimento entre nós, mulheres, como um grupo. Federeci (2017) em sua extensa pesquisa sobre a idade média e a caça às bruxas, demonstra que uma das ferramentas utilizadas pelo sistema patriarcal era justamente minar esse sentimento de coletividade construído por mulheres, as atacando e as dividindo, posto que era perigoso estarem reunidas, passíveis de serem acusadas de realizarem bruxaria. A possibilidade de construirmos novamente esse sentimento de união entre as mulheres é reparação histórica.

A ausência das representatividades materiais e culturais da história das mulheres nas cidades de Recife e Rio de Janeiro não refletem de fato as diversas mulheres históricas dessas localidades. Os projetos de Suzana e Adriana demonstram que há sim personagens femininas para se falar e apresentar, mas o que se percebe de fato é um apagamento, como projeto histórico e estrutural. Contudo, as ações alinhadas com o turismo, como nos dois estudos de caso, fazem frente como resistência a esse discurso dominante da perspectiva masculina.

Em ambos os projetos é possível perceber a visão de interseccionalidade, como Suzana fala sobre o apagamento da história das mulheres afeta todas, mas com um peso maior sobre as mulheres negras, compreendendo que existem diversas avenidas que

cruzam os corpos num movimento de opressão, como pontua Akotirene (2019). E o compromisso que Suzana demonstra ao narrar essas histórias apagadas da população negra nos espaços urbanos com a relação à mulher, evidencia uma necessidade de as pessoas negras retomarem esses locais e se sentirem de alguma maneira pertencidas.

Adriana também demonstra esse compromisso ao abordar a história das mulheres no Rio de Janeiro fazendo uma distinção entre mulheres que eram oprimidas, provavelmente indígenas e escravizadas, e as mulheres que reproduziam algum tipo de opressão, como as mulheres da corte portuguesa. Ambas as histórias são contadas, mas com a devida responsabilidade. E, o seu projeto “Absorvendo a História Feminina” também tem relação com as mulheres negras, já que são elas em sua maioria que estão em situações de vulnerabilidade social.

Esse aspecto prático da interseccionalidade tem relação com o que Crenshaw (2015) demonstra que é necessário para uma sensibilidade analítica, uma maneira de pensar sobre a identidade e sua relação com o poder que demande abordagens holísticas e inclusivas para a justiça racial, reconhecendo assim as maneiras que o racismo, sexismo e outras desigualdades trabalham juntos. A autora reforça que não há como construir movimentos sociais que sejam interseccionais apenas dizendo palavras.

Algo possível de ser analisado pelas falas das entrevistadas é que essa retomada da História das Mulheres atravessa caminhos da sociedade que envolve setores políticos, culturais e educacionais, possibilitando também reflexões e caminhos de reconstrução social. O objetivo de apresentar essa perspectiva do olhar das mulheres não é apenas para termos de representatividades materiais nas localidades, é ir além, é questionar o sistema dominante que tanto apaga memórias e explora grande parte da população. Ao falar do outro lado da história, os heróis têm suas faces expostas e os mortos retomam a vida.

O estudo dos vencidos nos permite compreender melhor os vencedores, compreender por que e como eles venceram. A análise da revolução é ainda mais completa e sistemática quando nós levamos a sério as alternativas possíveis: o estudo das formas de participação das mulheres e as reações que ela suscita oferece precisamente uma destas alternativas. Eis “que diferença faz” estudar mulheres e gênero (TILLY, 1994, p.34).

### **3.1 Movimento de retorno à torre: do topo à base sob a ótica da política e da sociedade**

A temática exposta no trabalho envolve uma questão social e para se obter uma melhor compreensão, e até mesmo possíveis soluções, é necessário que se faça uma

conexão com a política pública. De acordo com Souza (2006) política pública em geral e a política social são campos multidisciplinares, com o objetivo de interpretar a natureza da política pública e seus processos. Assim, uma teoria geral de política pública requer a busca de sintetização de outros campos como o de sociologia, da ciência política e da economia, suas inter-relações com o Estado e sociedade.

Grande parte dos cientistas sociais compartilham a ideia de que poder está relacionado com a política, já que pode ser compreendida como manejo pela manutenção ou distribuição desse poder. Sendo o poder então um elemento importante para a implementação das políticas de maneira a influenciá-las. Já por público compreende-se pelo o que é comum com outros, denominada pela propriedade pública, controlada pelo governo para fins públicos. Políticas públicas, então, são o resultado da atividade política por meio da gestão dos problemas e das demandas coletivas que busca a solução de problemas públicos ou o alcance de maiores níveis de bem estar social. As políticas públicas podem ser de diferentes tipos como política social, macroeconômica, administrativa e específica ou setorial e cada tipo de política implica uma rede diferente de atores, arenas e estruturas e contextos institucionais distintos (DIAS; MATOS, 2012).

Para Souza (2006) de forma sintetizada e extraída das diversas teorias sobre política pública pode-se compreender em geral que a política pública permite diferenciar entre o que o governo pretende fazer e, o que de fato, realiza e que envolve diversos atores e níveis de decisão, apesar de ser materializada pelos governos, não necessariamente é limitada a participações formais, como leis e regras e que tem ação intencional com objetivos a serem atingidos. Ação essa que também pode ser compreendida como uma não ação, Bachrach e Baratz (1962) argumentaram que uma das formas de política pública é também não fazer nada em relação a algum problema.

Gastal e Moesch (2007) expõe que o turismo, aliado à cidadania, pode desempenhar um papel ainda mais relevante, não só nas comunidades turísticas, mas também naquelas que, em princípio, não recebem muitos visitantes, contudo, para tal, demandam-se políticas públicas democratizantes.

Uma política pública de Turismo deve ter como concepção o Turismo como um sistema aberto, orgânico e complexo que se coloque como atividade multissetorial, cuja execução deve, necessariamente, incorporar visões multidisciplinares, multiculturais e multissociais. Assim, se constituirá no trabalho conjunto do setor público com a iniciativa privada e com a sociedade civil, reconstruindo os processos de identidade tão necessários às cidades e às localidades, para que se integrem às redes de globalização de forma independente, em vez de serem homogeneizadas nesse processo (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 45).

Segundo Hall (2001) a partir da organização do envolvimento do governo no turismo se atribui sete funções ao governo: coordenação, planejamento, legislação e regulamentação, o governo como empresário, incentivo, turismo social e o governo como defensor do interesse público. E para cada diferente papel governamental há tipos diferentes de instrumentos de políticas públicas em turismo.

De acordo com Biroli (2018) há relação também direta com a representatividade dos grupos sociais com a participação política, já que a não representação dos grupos sociais nas arenas institucionais deve ser compreendida com uma crítica aguda da vida cotidiana e das relações sociopolíticas que nelas se aparam. “A exclusão sistemática de alguns grupos expõe o caráter hierarquizado da democracia, mantendo-os numa condição de sub-representação e de marginalidade no debate público, na construção de normas e políticas públicas” (BIROLI, 2018, p.51).

*Global Report on Women in Tourism*, (GROWIT) de 2010 foi um marco na área dos estudos de gênero no turismo já que foi o primeiro documento oficial elaborado por uma instituição de reconhecimento mundial, que trouxe reflexões e diretrizes acerca da vivência das mulheres em diferentes áreas do fenômeno turístico. Organizado pela *World Tourism Organization* (UNWTO) em conjunto com a UNWOMEN (ONU Mulheres) o documento se estruturou em cinco eixos temáticos principais: emprego, empreendedorismo, educação, liderança e comunidade (GABRIELLI, 2022).

De acordo com Gabrielli (2022) ambas edições do GROWIT de 2010 e 2020 se referem com os mesmos princípios de melhoria de condições trabalhistas como o ambiente, a proteção legal, a flexibilização referente as licenças maternidades e para cuidados, e a necessidade da eliminação de diferenças salariais entre homens e mulheres. Contudo, essas ações se apresentam numa perspectiva liberal, com o objetivo de igualar homens e mulheres, sem que haja mudanças estruturais profundas relacionadas à divisão sexual do trabalho e dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres.

Analisando a nível nacional, Gabrielli (2022) aponta que os Planos Nacionais do Turismo (PNTs) mais recentes apesar de mencionarem algumas questões sobre a iniquidade de gênero não colocam diretrizes relacionadas a melhorar essa realidade e tampouco sobre o empoderamento de mulheres enquanto lideranças coletivas. Percebe-se também uma falta de estudos e relatórios de parte dos órgãos públicos de turismo do país sobre essa temática (GABRIELLI, 2022).

De acordo com Fratucci (2014) o poder público enquanto agente social responsável por conduzir os rumos da sociedade num determinado território age através da elaboração e implementação de políticas públicas de modo parcial, priorizando as demandas e interesses do capital financeiro a que dos outros agentes sociais também relacionado com o fenômeno do turismo, desconsiderando assim os processos de apropriação do espaço e dos territórios. Para Da Cruz (2006) o espaço reduzido a atrativos naturais e culturais compreendido pelas administrações públicas como um simples receptáculo de suas ações as quais devem acrescentar-se as ações dos agentes de mercados exclui a relação dialética entre sociedade e espaço.

De acordo com Castrogiovanni (2013) a cidade pode ser compreendida como processo dinâmico que envolve transformações impulsionadas por solicitações políticas e movimentos sociais locais. “O fenômeno urbano está vinculado à história moderna. A cidade é um mundo de representações que causam diferentes sentidos” (CASTROGIOVANNI, 2013, p. 388). Esse processo é também argumentado por Fratucci (2014) que por justamente haver diferentes grupos sociais produtores do turismo que influenciam numa dinâmica socioespacial complexa não é possível compreender o turismo como um sistema fechado.

Contudo, é possível identificar também ações que afirmam um compromisso de mudança social, como por exemplo, ao analisar a problemática dos patrimônios e suas representações históricas tem-se em tramitação o Projeto de Lei 5296/2020, intitulado “Na minha rua não” apresentado pela deputada federal Talíria Petrone (PSOL-RJ). Tal projeto consiste na retirada de monumentos que homenageiam pessoas que contribuíram para uma violência histórica no país e propões a respectiva substituição por pessoas que lutaram na resistência negra e indígena, e que os monumentos retirados sejam transferidos para museus, sendo assim apresentados a população de forma crítica e não como antes vistos pela ótica do herói.

No turismo pode-se destacar o *site* “Mulheres do Turismo em Rede”, cuja missão é contribuir para uma participação equilibrada e justa das mulheres no turismo, por meio de curadoria de conteúdos, produção e divulgação de dados e estudos sobre mulheres, realização de eventos, estimulando a conexão e o *networking* de modo a influenciara participação das mulheres em todas as esferas do turismo.

Não obstante, as iniciativas mostradas nesse trabalho podem ser reconhecidas como um movimento de transformação social que acontecem especificamente na cidade de Recife e Rio de Janeiro, mas destaca-se que há outras iniciativas pelo país, como em

São Paulo por meio do projeto “Mulheres Viajantes” de responsabilidade da historiadora Thaís Carneiro que propõe uma iniciativa semelhante de retomar a cidade pelo olhar das mulheres alinhado com o turismo buscando assim o empoderamento feminino por meio das viagens.

#### 4.0 CAMINHOS A PERCORRER

A partir da análise teórica elaborada e exposta sobre a importância da história das mulheres e suas diversas representações que são possíveis de serem analisadas nos patrimônios históricos culturais, percebe-se uma ausência, uma lacuna entre a história vivida por mulheres e a história que as representam oficialmente.

Compreende-se que esse apagamento é reflexo do sistema patriarcal que constitui nossa sociedade. E, apesar disso, como Tilly (1994) argumenta que a visibilidade da história das mulheres começa a ganhar estrutura e força graças ao feminismo contemporâneo, que com suas bases reivindicou compreender esse outro lado da história oficial.

Ao apresentar os casos da cidade de Recife e Rio de Janeiro, com os projetos de Suzana Veiga e Adriana Jackson responsáveis respectivamente, a partir das entrevistas realizadas pode-se observar que mesmo com a ausência material da representatividade da história das mulheres na cidade, não tendo um nome de uma rua, estatuas representativas, placas, bustos que indicam alguma personagem feminina na história, é possível fazer essa retomada ao se propor um olhar que requer estudo para encontrar essas mulheres na história e nomeá-las pela cidade, com o turismo sendo uma ferramenta alinhada à educação patrimonial que possibilite lazer e aprendizados para um sentimento de identificação e pertencimento local, como uma forma de resistência ao propor reconstruções sociais.

O caso da cidade de Brasília se assimila a como tantas outras cidades que apagaram em sua história e memória a presença das mulheres. Contudo, por ser a capital, sua importância política e social, e ter o imaginário associado a uma cidade construída pelo povo, motivados por um sonho, percebe-se que essa história se aplica a apenas aos homens, é como se as mulheres que também participaram de todo esse processo fossem apagadas.

Como Scarlato e Costa (2018) argumentam Brasília apresenta uma peculiaridade maior por ser justamente uma cidade, capital, que não possui um centro histórico. Essa falta de referência temporal dificulta resgatar essas outras histórias, fazendo com que a história oficial seja a universal e se mantenha intacta. É um desafio mais complexo, porém necessário elaborar não apenas a história das mulheres de Brasília, mas dos povos que ocuparam anteriormente esse território. O que está em vigência na capital é reflexo de todo o sistema que estrutura simbolicamente e materialmente o país.

É possível inferir que mesmo que haja esse apagamento da história das mulheres e suas relações com a construção da capital, há trabalhos acadêmicos relevantes reescrevendo essas narrativas, incluindo a ótica dessas mulheres. Pinsky (2019) argumenta que provavelmente essa área acadêmica da história das mulheres está consolidada e essas narrativas passíveis de serem escritas. O desafio, de acordo com a autora, consiste em essas histórias saírem das universidades e ganharem as ruas.

E, dessa maneira também, se encontra o desafio da cidade de Brasília, ao olhar para essas produções acadêmicas e incluir os nomes dessas mulheres e suas histórias nos espaços urbanos, alinhando-se com o turismo, em passeios guiados, como nos exemplos das cidades de Recife e do Rio de Janeiro. Importante pontuar o papel das escolas também em todos esses movimentos.

É necessário que revisitemos esse passado e vejamos mulheres, não somente homens, afirmando assim a possibilidade de uma transformação concreta por uma sociedade mais justa para além dos sonhos utópicos.

Para isso é necessário que olhemos para essas pessoas que vieram, mulheres e homens, por diversos motivos para construir a capital, envolvendo toda a questão do trabalho reconhecido socialmente e remunerado e aquele que não é remunerado, mas que sustenta uma estrutura social.

Comumente, o trabalho não remunerado vem sendo compreendido, em sua maior parte, como responsabilidade exclusiva da mulher, o que exige ser necessário dar o devido reconhecimento e valorização. E, que cada pessoa dessa invoca a questão histórica, não só por participarem de fato de um momento considerado relevante para o país, mas também porque cada pessoa dessa envolve outras pessoas, como um fio de novelo que conecta e compartilha histórias, afeto e relação com a cidade.

É nessa perspectiva que expandi meu olhar e compreendi que existem dois seres históricos na minha família, meu avô Lincoln, e minha avó Maria de Lourdes, que participaram desse momento da construção de Brasília e que possuem muitas histórias a serem compartilhadas, contudo, por muito tempo, apenas a história que envolvia o espaço público era escutada. Mas como visto, as esferas público e privada se misturam e é necessário escutarmos esse outro lado da história dessa memória, que guarda também vivências relevantes.

Compartilho aqui na figura 8 uma foto, da direita para esquerda se vê meu avô, Lincoln, minha tia ainda bebê no colo de minha avó, Maria de Lourdes, que está ao lado de seus dois irmãos que foram visitá-la, no fundo da imagem é possível observar o

congresso ainda em construção. O ano dessa foto era 1959, um ano antes da inauguração da cidade, o contexto que a envolve é a visita dos irmãos de minha avó que saíram de Goiânia para ver a família e a capital, que ainda se formava. Interessante ressaltar que era até mesmo um possível momento de turismo para os irmãos que, tal pela existência do próprio registro, configura como algo especial.

Essa foto diz muito sobre esse outro lado da história da construção de Brasília. Havia nomes femininos, laços que se constituíam e permaneciam além do aspecto do trabalho que envolve a narrativa da construção da nova capital. Mesmo um local que por muito tempo foi visto apenas como grande canteiro de obras, havia vidas individuais e famílias a se desenvolverem, estruturas sociais subjetivas que abrangia cada memória que ali se formava, com olhares diferentes para mulheres e homens.

Para minha avó, uma aventura tanto quanto surpreendente era habitar Brasília nessa época, como para meu avô que trabalhou nas obras. Ela foi corajosa, também participou da construção de Brasília, sustentou tudo em relação à casa e aos filhos, para meu avô trabalhar nas obras. Sua presença ajudou a consolidar tradições na nossa família, com seu tempero de alho – receita aprendida com uma vizinha na época da construção de Brasília. É só sentir o aroma do tempero que percebo a sua presença afetiva. É essa utopia que me impulsiona questionar a história oficial de Brasília e olhar para suas diversas narrativas.

Mais simbólico ainda é que o primeiro ser que veio dessa união é minha tia, bebê, que está na foto. O primeiro filho deles foi uma menina, e como parte dessa família que se expandiu, eu também como mulher, resgato essa história individual e relaciono com as questões sociais, sabendo da importância de olhar os outros lados que constituíram essa narrativa oficial da construção da nova capital. Os sofrimentos que uma vida carrega pode ser melhor compreendido quando se analisa o contexto e as influências sociais.

**Figura 8** – Família da autora durante a construção de Brasília



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Por isso, a necessidade de reconstruir essas histórias nos caminhos de Brasília/DF se faz tão importante. Fontenele (2017) argumenta a urgência de resgatar essas memórias femininas na época da construção da capital, já que pelo quesito tempo, muitas dessas mulheres estão no final de suas vidas. E, mais do que ampliar o olhar do momento da construção de Brasília, no sentido do imaginário, é necessário que tenha reflexos materiais, com a possibilidade de ver a cidade pela ótica das mulheres que participaram desse momento inicial da construção da cidade, a partir do turismo, como uma possível forma de inspiração às iniciativas de Recife/PE e Rio de Janeiro/RJ, apresentadas nesse trabalho.

E como o turismo se relaciona com outras áreas sociais, as possíveis formas turísticas que atravessam a capital e que envolvam a história das mulheres, podem ter consequências positivas, também no presente, ajudando a elaborar um sentimento maior de pertencimento histórico das mulheres com a cidade. E, sabe-se que essa aproximação também pode ser um convite para um maior envolvimento político, possibilitando uma força de demanda para transformações, pois, como visto, as políticas públicas em curso são um reflexo do sistema patriarcal e racista ainda vigente no país.

Ao não elaborar essas histórias e colocá-las em invisibilidade o que se perpetua é o imaginário comum sob as mulheres e os homens e seus respectivos locais que devem ocupar na sociedade, inclusive do ambiente do trabalho. Conforme Lerner (2019, p. 268) argumenta, a “falta de consciência da própria história de luta e conquistas é uma das principais formas de manter as mulheres subordinadas”, ou seja, a diferenciação que se coloca entre homens e mulheres, do público e do privado, possibilita que elas continuem a serem dominadas.

E, assim a divisão sexual do trabalho que está presente não somente na área do turismo, mas em vários outros ambientes, de maneira estrutural na sociedade, possibilita que a mulher fique cada vez mais sobrecarregada ao ser responsável por um trabalho duplo, o remunerado e o não remunerado, que envolve toda a sustentação do sistema, como o cuidado com o lar, com a família. Para suportar toda essa pressão como foi evidenciado é recorrente estarem no âmbito do empreendedorismo sob a lógica neoliberal.

Wittig (2019) argumenta que toda pessoa, especialmente aquelas que estão dentro do grupo oprimido, necessitam se construir enquanto sujeitos, em oposição ao local de objetivação que é imposto enquanto opressão. “Não existe luta possível para alguém privado de identidade; carece de uma motivação interna para lutar, porque, ainda que eu só possa lutar com os outros, primeiro luto por mim mesma” (WITTIG in HOLLANDA, 2019, p.89). Ou seja, evidenciar a história das mulheres pode ser considerada uma ferramenta para constituição de identificação das mulheres com sua localidade, sua memória e suas histórias, e principalmente com suas lutas.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALEGRETTI, Laís. **Plenário do Senado terá banheiro feminino 55 anos após inauguração**. G1. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/01/plenario-do-senado-tera-banheiro-feminino-55-anos-apos-inauguracao.html>. Acesso em: 21/04/2022.

ALMEIDA, Ronaldo de. Estudo de caso: foco temático e diversidade metodológica. In: ABDAL et al. (Orgs.). **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo**. São Paulo: Sesc São Paulo, 2016.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Feminismos plurais. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ARCHDAILY. **Brasília recebe exposição de Marianne Peretti, criadora dos vitrais da Catedral**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/786808/brasil-ia-recebe-exposicao-de-marianne-peretti-criadora-dos-vitrais-da-catedral>. Acesso em: 05/04/2022.

AZEVEDO, Patrícia Moraes; DE ANDRADE, Maristela Oliveira. **Empreendedorismo de mulheres artesãs: caminhos entre o capital social e a autogestão**. Revista de ciências sociais-política & trabalho, p. 173-189, 2017.

BAQUERO, Rute Vivian Ângelo. **Empoderamento: instrumento de emancipação social? Uma discussão conceitual**. Revista Debates, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 173-187, jan.-abr. 2012.

BACHRACHB, Peter e BARATZ, Morton S. **“Two faces of power”**. American Science Review 56: 947-952, 1962.

BEHR, Nicolas. Candango In: **Brasília-Z cidade-palavra**. Brasília: Ed. do autor, 2014.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. Feminismos plurais. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BEAUVOIR, Simone. **Segundo Sexo**. Fatos e Mitos. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1970.

BICALHO, Thiago Eduardo Freitas; MAIA, Eloiza Helena Gonçalves; QUIRINO, Raquel. **Carreira profissional de homens e mulheres no setor de turismo: intersecção de profissão, carreira e divisão sexual do trabalho**. REVES-Revista Relações Sociais, v. 3, n. 4, p. 16001-16011, 2020.

- BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades, limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BITAR, Nina; BITTER, Daniel. **Comida, Trabalho e Patrimônio: Notas sobre o ofício das Baianas de Acarajé e das Tacacazeiras**. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 18, n. 38, 2012.
- BONALUME, Cláudia R. & ISAYAMA, Helder F. **AS MULHERES NA PESQUISA O LAZER DO BRASILEIRO**. Revista Brasileira De Estudos Do Lazer, 5(1), p.3–24, 2018. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/593>. Acesso em: 18/04/2022.
- CARDOSO, Elna Dias. **Nós também fazemos parte desta história: memória de mulheres negras em Brasília**. 2018. Tese (Doutorado em sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.
- CAMARGO, Marcelo. **Monumento Dois Candangos, moderno monumento de bronze erguido em 1959, em homenagem aos trabalhadores que ajudaram a construir o país**. Agência Brasil. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/foto/2021-04/monumento-dois-candangosbrasil-61-anos-1618947349>. Acesso em: 05/04/2022.
- CARMO, Luana Jéssica Oliveira et al. **O empreendedorismo como uma ideologia neoliberal**. Cadernos EBAPE. BR, v. 19, p. 18-31, 2021.
- CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.
- CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e cultura material: uma introdução bibliográfica**. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 8, p. 293-324, 2001.
- CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **Turismo, Organização e Reconstrução do Espaço Urbano Contemporâneo**. Revista Rosa dos Ventos, 5 (3), p. 381-389, jul-set, 2013.
- CHARTIER, Roger. **Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica)**. Cadernos Pagu, n. 4, p. 37-47, 1995.
- CHOAY, Françoise. **O Patrimônio Histórico na era da indústria cultural**. In: A alegoria do Patrimônio. Lisboa, p.11-27, 2010.
- COSTA, Delaine Martins. **Práticas de empreendedorismo feminino: reflexões a partir de experiências multissituadas**. In: SOUZA, Rosimere de; AZEVEDO, Patrícia;

COSTA, Delaine Martins (Orgs.). Políticas Públicas, empreendedorismo e mulheres: olhares que se encontram. Rio de Janeiro: IBAM, p. 15-45, 2012.

COSTA, Flávia Roberta. Os princípios interpretativos de Tilden. In: **Turismo e Patrimônio Cultural: interpretação e qualificação**. São Paulo: Editora SENAC, p.116-138, 2009.

CRENSHAW, Kimberlé. **Porque a interseccionalidade não pode esperar**. Disponível em: <https://blogueirasfeministas.com/2015/10/05/porque-a-interseccionalidade-nao-pode-esperar/>. Acesso em: 10/04/2022.

DA CRUZ, Rita de Cássia Ariza. **Planejamento governamental do turismo: convergências e contradições na produção do espaço**. Em publicação: America Latins: cidade, campo e turismo. Amália Inés Geraiges de Lemos, Mónica Arroyo, Maria Laura Silveira. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, San Pablo, Diciembre, 2006.

DE MATOS, Maria Izilda Santos. **Do público para o privado: Redefinindo espaços e atividades femininas (1890-1930)**. Cadernos pagu, n. 4, p. 97-115, 1995.

DE MATOS, Maria Izilda Santos. **História das mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas**. Mandrágora, v. 19, n. 19, p. 5-15, 2013.

DE MEDEIROS, Mércia Carréra; SURYA, Leandro. **A Importância da educação patrimonial para a preservação do patrimônio**. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

DE OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos; QUEIROZ, Marijara Souza. **Museologia–substantivo feminino: reflexões sobre museologia e gênero no Brasil**. Revista do Centro de Pesquisa e Formação SESC, v. 5, p. 61-77, 2017.

DIAS, Reinaldo; MATOS, Fernanda. O Conceito de Política Pública. In: **Políticas públicas: princípios, propósitos e processos**. São Paulo: Atlas, p. 1-21,2012,

DINIZ, Debora. Prefácio. In: BASTO, Leila Marrach; PUTTINI, Rodolfo Franco. **Questões sobre a ética e a inocência do método**. São Paulo: Annablume, 2015.

FARIAS, Darcy Dornelas de. **Terras no Distrito Federal: experiências com desapropriações em Goiás (1955-1958)**. Orientadora: Nancy Alessio Magalhães. 2006. 200 f., il. Dissertação (Mestrado em História) -Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FONSECA, Maria Cecília. **Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural.** In: Memória e Patrimônio, 2003.

FONTENELE, Tânia. **Mulheres na construção de Brasília- Invisibilidade feminina na história da nova capital do Brasil.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th *Women's Worlds Congress* (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

FRATUCCI, Aguinaldo C. **Turismo e território: relações e complexidades.** Caderno Virtual de Turismo. Edição especial: hospitalidade e políticas públicas em turismo. Rio de Janeiro, v. 14, supl, 1, s.87-s.96, nov. 2014.

GABRIELLI, Cassiana. **Turismo responsável: caminhos possíveis?** Revista de Turismo Contemporâneo, v. 5, n. 1, 2017.

GABRIELLI, Cassiana. **Análise das diretrizes internacionais sobre Gênero e Turismo e suas ausências nos Planos Nacionais de Turismo do Brasil.** Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, v. 16, p. 2310-2310, 2022.

GABRIELLI, Cassiana. **Mulheres no Mercado Turístico Brasileiro: Reflexões e Perspectivas à Luz dos Estudos de Gênero/Women in the Brazilian Tourist Market: Reflections and Perspectives in the Gender Studies.** ROSA DOS VENTOS-Turismo e Hospitalidade, v. 13, n. 4, 2021.

GASTAL, Susana; MOESCH, Marutschka M. **Turismo, políticas públicas e cidadania.** São Paulo: Aleph, 2007.

GONZALEZ, Lélia. A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social. In: **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.** Organização Flávia Rios, Márcia Lima. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Mulher Negra. In: **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.** Organização: Flávia Rios, Márcia Lima. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** França, Paris: 1968.

HALL, Colin M. Política e Planejamento no âmbito nacional e subnacional. In: **Planejamento turístico: políticas, processos e relacionamentos.** SP: Contexto, p. 183-213, 2001.

HEINZ, Mariana. **Marianne Peretti, a mulher por trás dos vitrais da catedral de Brasília.** ArchDaily. 2016. Disponível em:

<https://www.archdaily.com.br/br/786808/brasilia-recebe-exposicao-de-marianne-peretti-criadora-dos-vitrais-da-catedral/572a1875e58ece2d1d00000b-brasilia-recebe->

exposicao-de-marianne-peretti-criadora-dos-vitrais-da-catedral-foto. Acesso em: 05/04/2022.

HOBBSBAMM, Eric J. **1917-2012 Sobre história** / Eric Hobsbawm ; tradução cid Knipel moreira. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

IPHAN. **Patrimônio Cultural: Patrimônio Imaterial**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em: 04/02/2022.

IPHAN. **Patrimônio Cultural: Patrimônio Material**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>. Acesso em: 04/02/2022.

JACQUES, Paola Berenstein; LOPES, Dilton. **A construção de Brasília: alguns silenciamentos e um afogamento**. *Suspended spaces. Sistema Solar*, v. 4, p. 52-77, 2018.

JULIO, Suelen S. **Mulheres indígenas na América Latina Colonial**. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, v. 28, 2015.

KÖCHE, José Carlos et al. **O turismoólogo pesquisador: agente de desenvolvimento do turismo na América Latina**. SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, v. 5, p. 1-31, 2008.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.

LOHMANN, Guilherme; PANOSSO NETTO, Alexandre. **Política Pública em Turismo**. In: *Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas*. São Paulo, Aleph, seção 3, p. 121-128, 2008.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. **O voto feminino no Brasil**. 2. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019.

MULHERES DO TURISMO EM REDE. **Conectamos as mulheres do turismo**. 2022. Disponível em: <https://mulheresdoturismoemrede.com/>. Acesso em: 14/03/2022.

NUNES, Brasilmar. Prefácio. In: RIBEIRO, Sandra Bernardes. **Brasília: memória, cidadania e gestão do patrimônio cultural**. Annablume, 2005.

OFICINA INTERNACIONAL DEL TRABAJO. **Pautas de la OIT sobre trabajo decente y turismo socialmente responsable** / Oficina Internacional del Trabajo, Departamento de Políticas Sectoriales. Ginebra, OIT, 2017.

PÁDUA, José Augusto. **Espaço público, interesses privados e política ambiental. Ambiente e Sociedade: Possibilidades e Perspectivas de Pesquisas**, v. 1, p. 1-10, 1989.

PAGNUSSAT, Eduarda Cividini; MEDAGLIA, Juliana; SILVEIRA, Carlos Eduardo. **Gênero e Turismo: um panorama dos estudos de mulheres e homens no mercado de**

**trabalho.** Anais XV Fórum Internacional de Turismo do Iguassu. Foz do Iguazu/PR, Brasil, v. 7426, 2020.

PEREIRA, Débora Rita. **Memórias pretas na capital da esperança: Mulher negras no museu vivo da memória candanga.** 1 Encontro de Museologia da UnB, 2018

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** 2ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

PETRONE, Talíria. **Na minha rua não.** Disponível em: <https://m.taliriapetrone.com.br/naminharuanao>. Acesso em: 10/03/2022.

PINKSY, Carla B. **Apresentação.** In: PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres.* 2ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, p. 3-15,1989.

RIBEIRO, Sandra Bernardes. **Brasília: memória, cidadania e gestão do patrimônio cultural.** Annablume, 2005.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência.** 2. edição. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANT'ANNA, Marcia. **Patrimônio Imaterial: do conceito ao problema da proteção.** In: Revista Tempo Brasileiro, n.147. Rio de Janeiro, 2001.

SANTIAGO, Inaê Gazola Storni. **(In) visibilidade da mulher na construção de Brasília.** Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2019.

SCARLATO, Francisco C.; COSTA, Everaldo B. **A natureza do urbano.** Confins [online], 30 | 2017, consultado em 09/04/2022. URL: <http://journals.openedition.org/confins/11676>

SILVA, Joelma Rodrigues. **Mulher: "Pedra Preciosa": Prostituição e Relações de Gênero em Brasília.** 1995. 251 p. Dissertação (Mestrado em História). Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 1995.

SILVEIRA, C. E.; MEDAGLIA, J. **Relações entre gênero e mercado de trabalho de turismólogos em Minas Gerais.** Caderno Virtual de Turismo. Rio de Janeiro, v. 16 n. 1, p. 109-125, abr. 2016.

SILVEIRA, Elton José da. **Walking tour: turismo, cultura e educação.** Orientadora: Profa. Alice T. Cybis Pereira. 2003. 110f. Dissertação (Mestrado)- Engenharia de Produção, Programa de Pós Graduação em Engenharia da Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

- SOUZA, Celina. **Políticas públicas: uma revisão da literatura**. Sociologias, p. 20-45, 2006.
- TILLY, Louise A. **Gênero, história das mulheres e história social**. Cadernos Pagu (3), p. 29-62, 1994.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987
- TRUTH, Sojourner. **“E eu não sou uma mulher?”: A narrativa de Sojourner Truth**. Tradução de Carla Cardoso. São Paulo: Imã Editorial, 2020.
- VIEIRA, Denise Sales. **Corpo feminino e modernidade na construção de Brasília: uma leitura a partir do cinema**. Orientadora: Profa. Dra. Ana Elisabete de Almeida Medeiros. 2017. 204f., il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- WAINBERG, Jacques A. **Cidades como site de excitação turística**. In: GASTAL, Susana (org). Turismo urbano: cidades, sites de excitação turística. Porto Alegre: Edição dos Autores, 1999.
- WESELY, Michael. KIM, Lina. **Arquivo Brasília: Lina Kim e Michael Wesely**. São Paulo: Cosac Naify. 2010
- WITTIG, Monique. Não se nasce mulher. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 83-92, 2019.
- YANNOULAS, Silvia Cristina. **Feminização ou feminilização? apontamentos em torno de uma categoria**. Temporalis, v. 11, n. 22, p. 271-292, 2011.
- ZARBATO, Jaqueline Ap Martins. **Patrimônio cultural e história das mulheres: reflexões e possibilidades didáticas**. Revista Diálogo Educacional, v. 21, n. 69, 2021.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Temas a serem abordados:

- Funcionamento do projeto;
- Motivos pessoais passíveis de serem compartilhados;
- Percepção social sobre o tema;

Perguntas:

1. Como funciona o projeto?
2. Qual local, setor ou bairro da cidade se passa o *Walking Tour (WT)*?
3. Qual objetivo do WT?
4. Como a história das mulheres é incluída no roteiro?
5. Há algum recorte histórico das mulheres que são abordadas no roteiro? Tem alguma época específica que é retratada?
6. O que te motivou a elaborar esse roteiro? Conhece alguma outra iniciativa semelhante? Teve alguma inspiração?
7. Qual o tipo de público que busca atingir com esse projeto?
8. Qual tipo de público que realiza esse roteiro e como são as reações dessas pessoas que fazem esse WT?
9. Sabemos que as mulheres são consideradas invisíveis quando se analisa a história oficial, aquela falada nas escolas.... quais ações você acredita que ajudaria a colocar as mulheres em posições mais visíveis, perceptíveis na história?
10. Esse apagamento histórico que as mulheres sofrem, você acredita que há consequências nas vidas de cada uma de nós? Quais?

Perguntar se possível pudesse compartilhar fotos do projeto para incluir na pesquisa.

## **APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM DE VOZ PARA FINS DE PESQUISA**

Nome da participante:

Data de nascimento:

Você está sendo convidada para ser participante do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: “A história apagada das mulheres nas cidades e as possibilidades de visibilidade por meio do turismo” de responsabilidade da estudante de graduação Amanda de Sena Santos, sob a orientação da Prof. M.<sup>a</sup> Mariana Tomazin e da coorientação do Prof. Dr. Vitor João Ramos Alves.

Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Caso se sinta esclarecido (a) sobre as informações que estão neste Termo e aceite fazer parte do estudo, peço que assine ao final deste documento, em duas vias, sendo uma via sua e a outra da pesquisadora responsável pela pesquisa. Saiba que você tem total direito de não querer participar.

1. O trabalho tem por objetivo de analisar a história das mulheres nos patrimônios históricos culturais a partir do turismo cultural. Identificando assim as possíveis representações da história das mulheres nos patrimônios materiais e imateriais pelo turismo, sua relação com o espaço urbano e os desdobramentos materiais do discurso narrativo dominante pelas mulheres na história.
2. A participação nesta pesquisa consistirá em uma entrevista semiestruturada a partir de uma chamada de vídeo pela plataforma do *Teams* com duração prevista em torno de uma hora.
3. Os benefícios com a participação nesta pesquisa serão a divulgação do trabalho realizado pelas participantes, como uma forma de fortalecimento de informações para inspiração de outras iniciativas semelhantes e proporcionar reflexões críticas sobre o tema.
4. As participantes não terão nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderão retirar sua concordância na continuidade da pesquisa a qualquer momento.
5. Os nomes dos participantes serão mantidos em sigilo, assegurando assim a sua privacidade, se assim desejarem, assim como terão livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queiram saber antes, durante e depois da sua participação.
6. Os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente para fins desta pesquisa e os resultados poderão ser publicados.

Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato:

Amanda de Sena Santos – (61) 98647-0341 – [amandasenasantos00@gmail.com](mailto:amandasenasantos00@gmail.com)

Prof. M.<sup>a</sup> Mariana Tomazin – (19) 98206-2286- [mariana.tomazin@unb.br](mailto:mariana.tomazin@unb.br)



Eu, \_\_\_\_\_,  
autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado provisoriamente: “As mulheres na história: uma análise pela ótica do turismo cultural” sob responsabilidade de Amanda de Sena Santos vinculada a Universidade de Brasília (UnB).

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para análise e transcrição de trechos por parte da equipe de pesquisa.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de responsabilidade do(a) pesquisador(a) responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Assinatura do (a) participante

Nome e Assinatura do (a) pesquisador(a)

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

## **APÊNDICE C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM DE VOZ PARA FINS DE PESQUISA DE SUZANA VEIGA**

Nome da participante: Suzana do Nascimento Veiga

Data de nascimento: 25/09/1987

Você está sendo convidada para ser participante do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: “A história apagada das mulheres nas cidades e as possibilidades de visibilidade por meio do turismo” de responsabilidade da estudante de graduação Amanda de Sena Santos, sob a orientação da Prof. M.<sup>a</sup> Mariana Tomazin e da coorientação do Prof. Dr. Vitor João Ramos Alves.

Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Caso se sinta esclarecido (a) sobre as informações que estão neste Termo e aceite fazer parte do estudo, peço que assine ao final deste documento, em duas vias, sendo uma via sua e a outra da pesquisadora responsável pela pesquisa. Saiba que você tem total direito de não querer participar.

1. O trabalho tem por objetivo de analisar a história das mulheres nos patrimônios históricos culturais a partir do turismo cultural. Identificando assim as possíveis representações da história das mulheres nos patrimônios materiais e imateriais pelo turismo, sua relação com o espaço urbano e os desdobramentos materiais do discurso narrativo dominante pelas mulheres na história.
2. A participação nesta pesquisa consistirá em uma entrevista semiestruturada a partir de uma chamada de vídeo pela plataforma do *Teams* com duração prevista em torno de uma hora.
3. Os benefícios com a participação nesta pesquisa serão a divulgação do trabalho realizado pelas participantes, como uma forma de fortalecimento de informações para inspiração de outras iniciativas semelhantes e proporcionar reflexões críticas sobre o tema.
4. As participantes não terão nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderão retirar sua concordância na continuidade da pesquisa a qualquer momento.
5. Os nomes dos participantes serão mantidos em sigilo, assegurando assim a sua privacidade, se assim desejarem, assim como terão livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queiram saber antes, durante e depois da sua participação.
6. Os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente para fins desta pesquisa e os resultados poderão ser publicados.

Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato:

Amanda de Sena Santos – (61) 98647-0341 – [amandasenasantos00@gmail.com](mailto:amandasenasantos00@gmail.com)

Prof. M.<sup>a</sup> Mariana Tomazin – (19) 98206-2286- [mariana.tomazin@unb.br](mailto:mariana.tomazin@unb.br)



Eu, Suzana do Nascimento Veiga, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado provisoriamente: “As mulheres na história: uma análise pela ótica do turismo cultural” sob responsabilidade de Amanda de Sena Santos vinculada a Universidade de Brasília (UnB).

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para análise e transcrição de trechos por parte da equipe de pesquisa.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de responsabilidade do(a) pesquisador(a) responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Brasília, 14 de abril de 2022.

*Suzana do N. Veiga*

---

Assinatura do (a) participante

## **APÊNDICE D – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM DE VOZ PARA FINS DE PESQUISA DE ADRIANA JACKSON**

Nome da participante: Adriana Jackson Ferreira da Silva

Data de nascimento: 09/09/1971

Você está sendo convidada para ser participante do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: “A história apagada das mulheres nas cidades e as possibilidades de visibilidade por meio do turismo” de responsabilidade da estudante de graduação Amanda de Sena Santos, sob a orientação da Prof. M.<sup>a</sup> Mariana Tomazin e da coorientação do Prof. Dr. Vitor João Ramos Alves.

Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Caso se sinta esclarecido (a) sobre as informações que estão neste Termo e aceite fazer parte do estudo, peço que assine ao final deste documento, em duas vias, sendo uma via sua e a outra da pesquisadora responsável pela pesquisa. Saiba que você tem total direito de não querer participar.

1. O trabalho tem por objetivo de analisar a história das mulheres nos patrimônios históricos culturais a partir do turismo cultural. Identificando assim as possíveis representações da história das mulheres nos patrimônios materiais e imateriais pelo turismo, sua relação com o espaço urbano e os desdobramentos materiais do discurso narrativo dominante pelas mulheres na história.
2. A participação nesta pesquisa consistirá em uma entrevista semiestruturada a partir de uma chamada de vídeo pela plataforma do *Teams* com duração prevista em torno de uma hora.
3. Os benefícios com a participação nesta pesquisa serão a divulgação do trabalho realizado pelas participantes, como uma forma de fortalecimento de informações para inspiração de outras iniciativas semelhantes e proporcionar reflexões críticas sobre o tema.
4. As participantes não terão nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderão retirar sua concordância na continuidade da pesquisa a qualquer momento.
5. Os nomes dos participantes serão mantidos em sigilo, assegurando assim a sua privacidade, se assim desejarem, assim como terão livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queiram saber antes, durante e depois da sua participação.
6. Os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente para fins desta pesquisa e os resultados poderão ser publicados.

Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato:

Amanda de Sena Santos – (61) 98647-0341 – [amandasenasantos00@gmail.com](mailto:amandasenasantos00@gmail.com)

Prof. M.<sup>a</sup> Mariana Tomazin – (19) 98206-2286- [mariana.tomazin@unb.br](mailto:mariana.tomazin@unb.br)

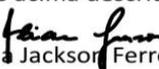


Eu, Adriana Jackson Ferreira da Silva, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado provisoriamente: “As mulheres na história: uma análise pela ótica do turismo cultural” sob responsabilidade de Amanda de Sena Santos vinculada a Universidade de Brasília (UnB).

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para análise e transcrição de trechos por parte da equipe de pesquisa.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de responsabilidade do(a) pesquisador(a) responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

  
Adriana Jackson Ferreira da Silva

Assinatura do (a) participante

Nome e Assinatura do (a) pesquisador(a)

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_